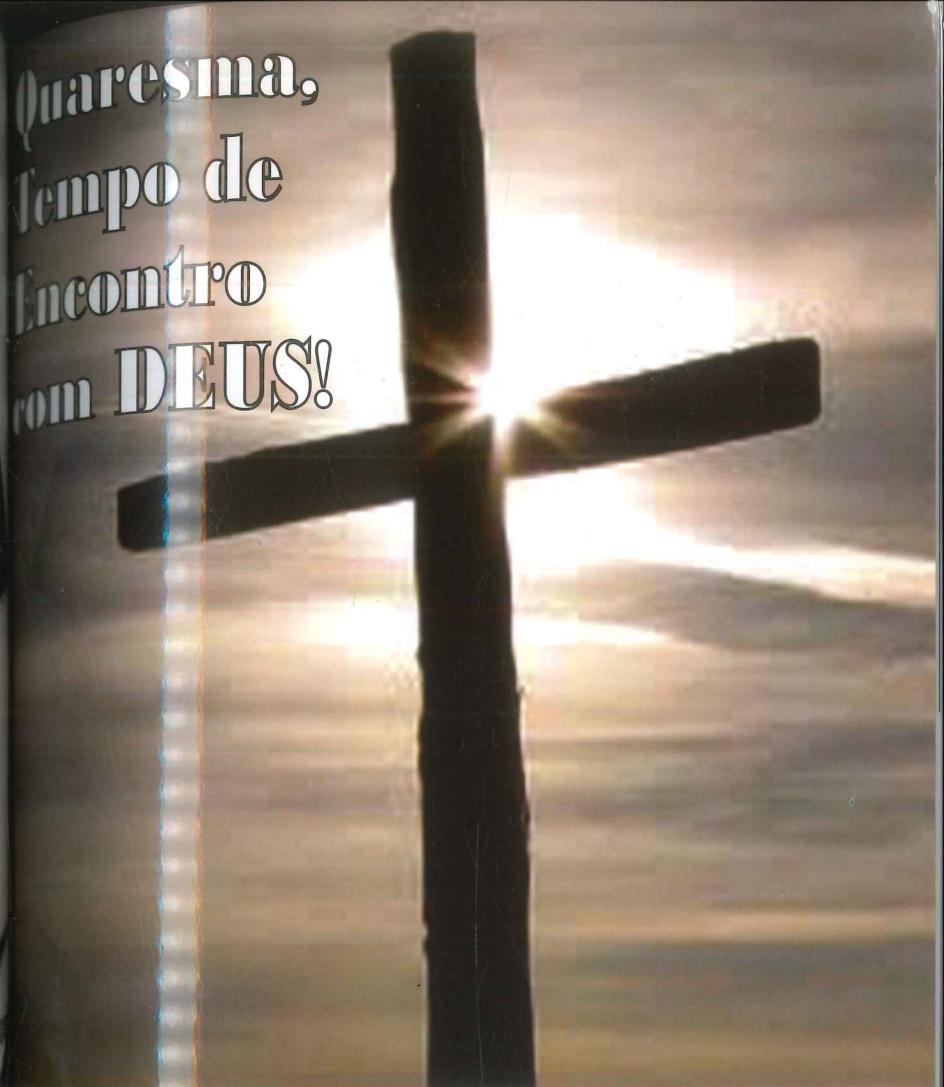


Em sua 20^a Edição (segunda reimpressão) é leitura indispensável para quem está se preparando para o matrimônio.



Disponível
Livraria M

Quaresma,
tempo de
encontro
com DEUS!



78
fato
e razão

Movimento Familiar Cristão

CONVERSA COM OS LEITORES

Com algum atraso ocasionado por dificuldades administrativas estamos lhes entregando a edição 78 de nossa Revista com a mesma diversidade e riqueza de temas e autores.

Com a presente edição concluímos o primeiro ciclo de nossa campanha "Nenhuma equipe-base sem a revista".

Embora ainda não tenha alcançado o pretendido êxito a campanha já serviu para levar a Revista ao conhecimento de novos leitores.

A Coordenação de Minas Gerais está propondo, ao seu colegiado no Conselho Administrativo que se reunirá no final do mês de março, assumir a responsabilidade pela distribuição da revista a todas as equipes-base do Estado, em conjunto com as Coordenações de Cidades.

Considerando que o MFC há algum tempo não vem utilizando temários de âmbito nacional, o que é considerado como prejudicial à unidade e sintonia do Movimento, aquela representação estadual deseja que a revista passe a ser considerada "Temário Básico Oficial" para uso preferencial nas reuniões das equipes-base.

A distribuição coletiva da revista representa menores custos para seus usuários e possibilita a quem não tem interesse ou possibilidade de manter uma assinatura individual a possibilidade de acesso ao conteúdo da revista.

Aprovada a nova sistemática certamente servirá de estímulo a outras Coordenações Estaduais para que adotem a mesma filosofia de trabalho e ampliar consideravelmente o número de leitores da revista.

Alcançada a almejada ampliação do número de leitores, a revista poderá aprimorar sua qualidade gráfica e adotar uma programação editorial mais apropriada aos objetivos acima citados.

Isto é o que pretendemos e esperamos.

Os Editores.

Março
2012

78 fato e razão Movimento Familiar Cristão www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional
Hélio e José Freitas
Selma e Eduardo Lange Filho
Selma Aparecida e Moisés Teixeira de Oliveira
Selma de Fátima e James Magalhães de Medeiros
Selma e Alzenir Barroso Lopes

Editoria e Redação
Selma e João Borges
Selma e David Bonfatti
Selma do Nascimento Ulysses
Selma do Carmo Freitas Schmitz
Selma e José Maurício Guedes
Selma e Luiz Carlos Torres Martins
Selma e Hélio Amorim
Selma e Oscavo Homem de C. Campos
Barão de Santa Helena, 68
35010-520 Juiz de Fora-MG
E-mail: fatoerazao@gmail.com

Distribuidora Fato e Razão
Movimento Assinaturas
Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Barão de Santa Helena, 68
35010-520 Juiz de Fora-MG
Fax: (32)3218-4239
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

CP Pré-Flight e Impressão
Grafica
Rui Barbosa 440 galpão 7
35045-410 Juiz de Fora-MG
Tel.: (32)4009-1300
E-mail: grafamento@grafica.com.br

Arte e diagramação
Anderson Nogueira - amarantesvisuais@gmail.com

Circulação restrita sem fins comerciais

A toga	5
Helio Amorim	
A história da páscoa	7
As surpresas de 2012	11
Luiz Alberto Gómez de Souza	
Atritos	14
Roberto Crema	
Bendizer a vida	16
Déa Januzzi	
Buscar o prazer, evitar a dor	18
Jorge La Rosa	
Casamento = amor verdadeiro	20
Já pensou como ficaria a china do futuro?	22
Confissões de um pregador	25
Paulo nascimento	
Está em perigo o casal atual?	29
Deonira I. Viganó La Rosa	
Fundamentalistas	31
Zeca Baleiro	
O que é viver bem?	33
Palavras na fila da aposentadoria	34
Anna Verônica Mautner	
Que a saúde se difunda sobre a Terra	36
Prof. Mario Antonio Betiato	
Sem tentações	39
Adriano Moreira	
Tempo de quaresma	41
Fr. Marcos Sassatelli	
Tempo de reflexão	44
Jorge Leão	
Uma lei de responsabilidade sócio ambiental?	48
Leonardo Boff	
Volatilidade	50
Maria Clara Lucchetti Bingemer	
Quem sou eu?	52
A páscoa e a mulher	53
Não devemos nada ao feminismo	56
Talyta Carvalho	
Entre o espiritual e o material	58
Marcelo Gleiser	
José e Maria, pais de família	60
Hélio e Selma Amorim	
Ainda há tempo	64
Geraldo Magela da Silva	

Audiovisuais em

O MFC e o Instituto da Família - INFA - oferecem programas em **DVD**.
Em cada DVD, vários programas de 15 minutos



A TOGA



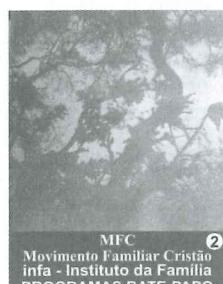
“Bate-papos” provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados:

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e TVs comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos



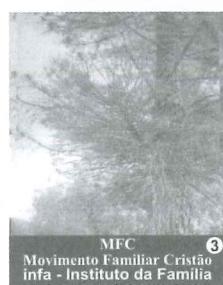
DVD 1

- “Drogas: dependência e recuperação”
- “Drogas: mitos e preconceitos”
- “Violência na família”
- “Família na escola”
- “Diálogo & diálogo”
- “Violência e insegurança”
- “Separação e divórcio”



DVD 2

- “Drogas desafio para o educador”
- “Drogas: da negação à onipotência”
- “Crianças agressivas”
- “Aprendizagem bloqueada”
- “Motricidade oral”
- “A família moderna”
- “Sexualidade”



DVD 3

- “Violência urbana”
- “Insegurança e medo”
- “Idade e maturidade”
- “Ética - princípios que regem as relações humanas”
- “Ética na política”
- “Auto-estima sem narcisismo”
- “Casamento rompido”
- “Relacionamento conjugal e familiar”
- “Identidade e auto-realização”

Para encomendar:

Livraria MFC
(32) 3218-4239
livraria.mfc@gmail.com

Helio Amorim*

Como todo grupo humano, não está blindado contra a serpente que oferece maçãs apetitosas por sentenças bondosas. O Gênesis já contava essa história que acabou em expulsão do paraíso.

A corajosa magistrada que comanda o CNJ foi moralmente massacrada pela associação que congrega seus pares pela audácia em vasculhar togados “cidadãos acima de qualquer suspeita”, como o personagem do filme de Costa Gravas. Cometia crimes, deixava pistas de propósito, para testar e confirmar a impunidade pela sua fama de incorruptível.

Como espectadores tantas vezes perplexos da tríade de poderes da república, o judiciário sempre nos pareceu uma caixa de pandora escondendo mistérios e fantasmas. Melhor não mexer. Não se sabe o que pode sair dela.

Sentenças judiciais não são resultado de uma objetividade explícita do texto legal, resumida em sim-não. “Cada cabeça, uma sentença”, diz-se como explicação de surpresas em decisões judiciais. Prova irrefutável: cortes colegiadas de segunda instância e tribunais superiores decidem por maioria de votos individuais de desembargadores e ministros togados em sentenças contrárias

possíveis. Considerando que todos os magistrados desses colegiados são juristas de alto saber no seu intrincado campo legal significa que ambas decisões seriam legalmente justas. Um voto de eventual desempate, como o do princípio deste mês, tem consequências de grande impacto sobre muitas vidas, pode prender ou libertar, favorecer ou contrariar interesses econômicos e financeiros de montantes estratosféricos. Com certa dose de maldade o povo faz ilações preocupantes. Quanto valerá optar pelo sim ou pelo não, se ambos são legalmente justos?

Não podíamos avançar nesse campo de suspeitas maldosas até surgir essa reação furiosa contra o poder de o CNJ investigar esses meritíssimos senhores e senhoras. Qual é o medo da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB)? Certamente as investigações poderão chegar a descobrir malfeitos de algumas dúzias de juízes, uma minoria insignificante, sem riscos de tsunamis.

Será saudável para o prestígio do poder judiciário. Ao mesmo tempo será uma advertência aos magistrados com formação ética menos robusta sobre o perigo de cair em tentações. São pessoas humanas com as limitações próprias de sua natureza e não fal-

tam serpentes insidiosas, guardiões de cofres cheios de dinheiro gerado por conhecidos golpes e maracutaias.

A nossa parte de culpa é evidente: elegemos os políticos que por sua vez escolhem ministros do executivo e magistrados para os tribunais maiores. “Todo poder emana do povo e em seu nome é exercido” é o bordão constitucional repetido para definir a democracia nos discursos de palanque. Se os eleitos, entretanto, dividem seus compromissos entre o povo e os financiadores de suas campanhas, adeus rigorismos éticos. É preciso pensar na próxima disputa eleitoral, justifica-se o parlamentar flagrado com o dinheiro na cueca e nas meias.

Em suma, investigações sobre desvios de comportamento nos três poderes, em todos os níveis de governo, com prazos definidos para conclusão e punições exemplares são como água benta contra tentações ofídicas, nesta terra de maçãs saborosas. As macieiras estão carregadas de obras do PAC, Copa do Mundo e Olimpíadas. Cuidado! Tudo começa com uma pequena e saborosa mordida. “Vade retro...”

* Helio Amorim é Membro do Movimento Familiar Cristão (MFC) e Instituto da Família (INF)

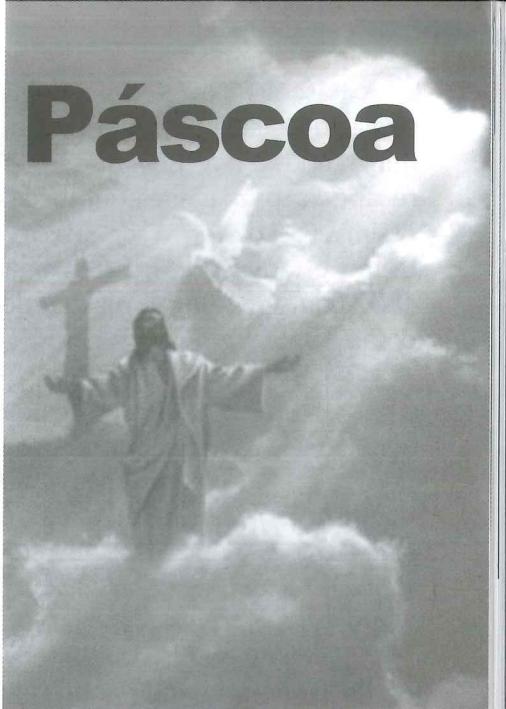
A história da Páscoa

A Páscoa é o tempo dos festivais da primavera. Nos países cristãos a Páscoa é celebrada como um feriado religioso comemorando a ressurreição de Jesus Cristo, o filho de Deus. Mas as celebrações da Páscoa tem muitos costumes e lendas que são pagães na origem e nada tem a ver com a cristandade.

Estudiosos, aceitam a derivação proposta por volta do 8º século pelo estudioso São Bede que acreditava ter a denominação vindo através do escandinavo “Ostra” ou do teutônico “Ostern” ou “Eastre”, ambas Deusas da mitologia significando primavera e fertilidade cujo festival era celebrado no dia do “vernal” equinócio.

Tradições associadas com o festival sobrevive no coelho de Páscoa, um símbolo de fertilidade, e nos coloridos ovos, originalmente pintados com cores brilhantes representando a luz do sol da primavera e usado nas competições de rolar ovos ou dando como presentes.

As celebrações cristãs das Páscoas incorporaram um número de tradições convergentes com ênfa-



se na relação da Páscoa com o festival Judeu da “Passover ou Pesach”, do qual é derivado o termo Pasch, outro nome dos Europeus para Páscoa.

“Passover” é uma importante festa no calendário Judaico onde é celebrado por 8 dias e comemorado a fuga e a liberdade dos Israelitas da escravidão no Egito.

Os primeiros cristãos, muitos dos quais tinham origem judaica, trouxeram das tradições hebraicas a recordação da Páscoa como uma nova forma de comemorar “Passover Festival” uma comemoração do advento do Messias como predisseram os profetas.

A Páscoa é observada pelas igrejas do Oeste no primeiro domingo após a lua cheia que ocorre após a primavera equinocial. Assim a Páscoa vem a ser uma festa móvel que pode ocorrer mais cedo como Março ou mais tarde como Abril.

As igrejas cristãs no Leste onde aconteceu o nascimento da nova religião e nas quais as tradições são mais fortes observam a Páscoa de acordo com a data do passover festival.

A Páscoa é no fim da temporada da quaresma, onde cobre um período de 46 dias que começa na Quarta-Feira de Cinzas e termina com a Páscoa. A temporada da quaresma compreende quarenta dias e seis domingos. O sexto domingo não é considerado atualmente como parte da quaresma. Os domingos são considerados uma co-

memoração do domingo de Páscoa e tem sido considerado excluído da quaresma. A temporada da quaresma é um período de penitência em preparação ao maior festejo anual da igreja, a Páscoa.

· Semana Santa, a última semana da quaresma, começa com a comemoração do Domingo de Ramos. O Domingo de Ramos recebe este nome por causa da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém onde multidões colocaram palmas em seus pés. Na Quinta-Feira Santa comemora-se a última Ceia, ocorrida uma noite antes da crucificação. A Sexta-Feira na Semana Santa é o aniversário da crucificação, o dia que Cristo foi crucificado e morto na cruz.

A Semana Santa e a temporada da quaresma termina com o Domingo de Páscoa, o dia da ressurreição de Jesus Cristo.

“E por não saber que era impossível, ele foi lá e fez”

“Um grama de exemplos vale mais que uma tonelada de conselhos.”

“Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam”

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativeis.”

CURIOSIDADES

A origem da expressão popular dos mineiros UAI: “Segundo o odontólogo Dr. Silvio Carneiro e a professora Dorália Galesso, foi o presidente Juscelino Kubitschek que os incentivou a lhe pesquisar a origem.

Depois de exaustiva busca nos anais da Arquidiocese de Diamantina e em antigos arquivos do Estado de Minas Gerais, Dorália encontrou explication provavelmente confiável.

Os Inconfidentes Mineiros, patriotas mas considerados subversivos pela Coroa Portuguesa, comunicavam-se através de senhas, para se protegerem da polícia lusitana. Como conspiravam em porões e sendo quase todos de origem maçônica, recebiam os companheiros com as três batidas clássicas da Maçonaria nas portas dos esconderijos. Lá de dentro, perguntavam: quem é?, e os de fora respondiam: UAI – as iniciais de União, Amor e Independência. Só medi-



ante o uso dessa senha a porta seria aberta aos visitantes.

Conjurada a revolta, sobrou a senha, que acabou virando costume entre as gentes das Alterosas.

Os mineiros assumiram a simpática palavrinha e, a partir de então, a incorporaram ao vocabulário cotidiano, quase tão indispensável como o “trem”.

Uai, sô...!!! Que trem legal!!!

Colaboração recebida de nossa querida leitora Ione Assis, de Belo Horizonte, ex-Coordenadora Nacional do MFC

“Querer ser de seu tempo é estar já ultrapassado”.

E. Ionesco



Surpresas de 2012

Luiz Alberto Gómez de Souza *

Saudade é solidão acompanhada,
é quando o amor ainda não foi embora, mas o amado já...
Saudade é amar um passado que ainda não passou,
é recusar um presente que nos machuca, é não ver o futuro que nos convida ...
Saudade é sentir que existe o que não existe mais ...
Saudade é o inferno dos que perderam,
é a dor dos que ficaram para trás, é o gosto de morte na boca dos que continuam ...
Só uma pessoa no mundo deseja sentir saudade:
aquele que nunca amou.
E esse é o maior dos sofrimentos:
não ter por quem sentir saudades, passar pela vida e não viver.
O maior dos sofrimentos é nunca ter sofrido.

Pablo Neruda

Vamos aprendendo a ver a história de uma maneira não linear nem inevitável. Há sempre surpresas pela frente e, parafraseando num outro sentido Borges, descobrimos "caminhos que se bifurcam". Quem prevêria, no começo de 2011, tudo o que foi acontecendo da Tunísia ao Ocupar Wall Street? Mas esses processos não aparecem de repente, eles vão sendo preparados nos subterrâneos da história.

O mexicano Pablo Gonzalez Casanova vê as sementes desses movimentos lá atrás, 18 anos antes, no primeiro de janeiro de 1994, na primeira aparição pública do Zapatismo e de seu sub-comandante Marcos, com outra maneira de fazer política. Poderíamos também pensar em tudo o que janeiro de 2001 desocultou, no primeiro Fórum Social Mundial de Porto Alegre, com tantas práticas plurais que mostraram a falácia de um neoliberalismo estagnado e

hoje claramente em crise. Alain Touraine disse que maio de 1968, ainda mais atrás, não tinha tido um dia seguinte, mas teria um amanhã. O ano que termina trouxe à luz do dia um processo que se foi constituindo aos poucos. E assim entramos em 2012 mais preparados para o inesperado que pode surgir à tona.

Dizem que o calendário maia previu, para o final de 2012, uma mudança de era. Mas trata-se ali da visão de uma história circular e predeterminada como a dos gregos, movida pelos astros ou por divindades ocultas. Entretanto, o futuro é mais incerto e frágil do que podemos esperar, num certo sentido mais livre, para bem e para mal.

Estando em Madri, quando na Puerta del Sol surgiu o M-15, senti que virtualidades profundas emergiam. Estas e outras continuam ou surgem em 2012. No ano

que passou se falava de primavera árabe e de inverno europeu. A primavera, grito de liberdade, pode ser capturada por grupos fundamentalistas, como há temores da Tunísia e no Egito. Mas também, à sombra meio incerta da Turquia, podemos pensar na coexistência de uma sociedade secular com uma forte presença religiosa. Tudo vai depender das propostas e articulações das forças presentes na sociedade. Nos Estados Unidos, há um espectro amplíssimo, que vai do libertário Ocupar ao troglodita Tea Party. E um meio de caminho imobilizado pela decepção da esperança em Obama.

No Brasil, há um dinamismo que se desenvolve em sentido diferente de outras crises. Com isso não parece haver lugar para sair às praças no protesto, como certa imprensa e uma oposição raivosas gostariam. Temos uma política que, de 2003 para cá, vem trazendo autoconfiança nacional e apoio social a mudanças reais. País emergente, ator relevante no plano internacional, tenta superar aos poucos suas desigualdades históricas, seu clientelismo enraizado e uma corrupção instalada desde muitas décadas.

Mas não podemos ficar olhando o 2012 que surge como meros espectadores. A dinâmica da cul-

tura digital e de suas redes sociais permite construir, em ações positivas, novas pistas e então evitá-las autoritárias. Tudo depende da mobilização social e de vários atores. Não se trata de um voluntarismo ingênuo, mas da somatória de articulações e de decisões vindas de muitos lados, dos movimentos culturais, ecológicos, de gênero, de inserção no mundo produtivo e principalmente, como em 1968, da rebeldia dos jovens. E aí está também o desafio para as religiões, chamadas a rever-se nos novos cenários. No caso da Igreja Católica, na cúpula, ela parece imobilizada na rigidez e fixada em receitas tradicionais.

Mas na base do "povo de Deus", alguma coisa fervilha, contaminada pelo dinamismo social e influenciando sobre este último. Não façamos previsões deterministas ou apenas fruto de intenções, mas exerçamos nosso direito de propor e de criar. Temos diante de nós muitos cenários possíveis. Ao final deste ano podemos ver crescer de um lado, a sombra de incertezas de um mundo que morre nos estertores da reação e do medo. Aliás, é curioso constatar como boa parte dos pensadores em moda é pessimista quanto ao futuro. Eles se fixam em pensamentos obscuros e negativos, com suas análises abstratas descoladas do real e do cotidiano.

Mas por outro lado, e aí vão nossas apostas e propostas, podem surgir realidades e práticas surpreendentes, uma "inesperada primavera" como disse João XXIII nos anos sessenta, no sentido contrário dos mestres do pessimismo. Deveríamos saber descobrir como utopias já vão brotando no meio de nós, colaborando com

elas e inaugurando insuspeitados caminhos de liberdade.

* Luiz Alberto Gómez de Souza é Sociólogo, diretor do Programa de Estudos Avançados em Ciência e Religião da Universidade Cândido Mendes.

Transcrito do Boletim Rede

Páscoa...

*É ser capaz de mudar,
É partilhar a vida na esperança,
É lutar para vencer toda sorte de sofrimento.
É ajudar mais gente a ser gente,
É viver em constante liberdade,
É crer na vida que vence a morte.
É dizer sim ao amor e à vida,
É investir na fraternidade,
É lutar por um mundo melhor,
É vivenciar a solidariedade.
É renascimento, é recomeço,
É uma nova chance para melhorarmos
as coisas que não gostamos em nós,
Para sermos mais felizes por conhecermos
a nós mesmos mais um pouquinho.
É vermos que hoje...
Somos melhores do que fomos ontem.*

Atritos

*Ninguém muda ninguém; ninguém muda sozinho.
Nós mudamos nos encontros.*

Roberto Crema *

Simples, mas profundo, preciso. É nos relacionamentos que nos transformamos. Somos transformados a partir dos encontros, desde que estejamos abertos e livres para sermos impactados pela idéia e sentimento do outro.

Você já viu a diferença que há entre as pedras que estão na nascente e um rio e, as pedras que estão em sua foz? As pedras na nascente são toscas, pontiagudas, cheias de arestas. À medida que elas vão sendo carregadas pelo rio, sofrendo a ação da água e se atritando com as outras pedras, ao longo de muitos anos elas vão sendo polidas, desbastadas. Assim também agem nossos contatos humanos, sem eles, a vida sera monótona, árida. A observação mais importante é constatar que não existem sentimentos bons ou

ruins sem a existência do outro, sem o seu contato.

Passar pela Vida sem se permitir um relacionamento próximo com o Outro é não crescer, não evoluir, não se transformar. É começar e terminar a existência com uma forma tosca, pontiaguda, amorfa.

Quando olho para trás vejo que hoje carrego em meu ser várias marcas de pessoas extremamente importantes.

Pessoas que, no contato com elas, me permitiram ir dando forma ao que sou, eliminando arestas, transformando-me em alguém melhor, mais suave, mais harmônico, mais integrado. Outras, sem dúvida, com suas ações e palavras me criaram novas arestas que precisam ser desbastadas. Faz parte. Reveses momentâneos servem para o crescimento. A isso chamamos Experiência.

Penso que existe algo mais profundo ainda, nessa análise. Começamos a jornada da Vida como grandes pedras, cheias de excessos.

Os seres de grande valor percebem que, ao final da Vida foram perdendo todos os excessos que formavam suas arestas, se aproximando, cada vez

mais de sua Essência e, ficando cada vez menores, menores, menores... Quando finalmente aceitamos que somos pequenos, ínfimos, dado à compreensão da existência e importância do Outro e, principalmente da grandeza de Deus é, que, finalmente nos tornamos de grande valor. Já viu o tamanho do diamante polido, lapidados Sabemos quanto se tira de excesso para chegar ao seu âmago. É lá que está o seu verdadeiro valor...

Pois, Deus fez a cada um de nós com um âmago bem forte e muito parecido com o diamante bruto; constituído de muitos elementos, mas essencialmente de Amor.

Deus deu a cada um de nós essa capacidade, a de Amar...Mas temos de aprender Como.

Para chegarmos a esse âmago temos que nos permitir, através dos relacionamentos, irmos desbastan-

do todos os excessos que nos impedem de usá-lo, de fazê-lo brilhar.

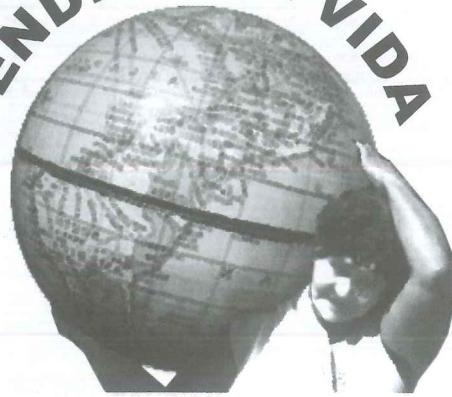
Por muito tempo em minha Vida acreditei que Amar significava evitar sentimentos ruins.. Não entendia que ferir e ser ferido, ter e provocar raiva, ignorar e ser ignorado faz parte da construção do aprendizado do Amor.

Não comprehendia que se aprende a Amar sentindo todos esses sentimentos contraditórios e ... os superando! Ora, esses sentimentos simplesmente não ocorrem se não houver envolvimento. E, envolvimento gera atrito. Minha palavra final: A-tri-te-se

Não existe outra forma de descobrir o Amor. E sem ele a Vida não tem significado!

* Roberto Crema é Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas Extraído do Boletim Hífen, do MFC de Nilópolis e Nova Iguaçu

BENDIZER A VIDA



Déa Januzzi*

De onde vem a força dessas mulheres que entram nos ônibus carregando quatro, cinco sacolas de uma vez? Sempre me pergunto como é que elas agüentam o peso do mundo em apenas duas mãos. Como essas mulheres conseguem andar quilômetros, num sobe e desce de ruas, ladeiras e ônibus, só para conseguir alguns quilos de frango em oferta?

Uma dessas mulheres acaba de entrar no ônibus. Ela parece mais velha do que na verdade é: o rosto marcado pela peregrinação, pelo martírio, como se as rugas tivessem sido moldadas a ferro e fogo. Eu sempre me pergunto por que essas guerreiras não aparecem nos jornais, por que não são condecoradas, não recebem faixas e troféus. Elas suportam tudo em silêncio, no mais absoluto anonimato. E vão carregando a cruz dos seus dias.

Às vezes, tenho vontade de oferecer ajuda, mas todas as pessoas no ônibus parecem alheias à via-crúcis dessas mulheres. É tão constrangedor e, ao mesmo tempo, tão belo ver essas mulheres altivas, serenas, campeãs de peso, no ringue das ruas e dos ônibus! O rosto não muda uma vírgula, quando elas sobem os degraus do ônibus, com pacotes de arroz de cinco quilos e as cestas básicas da miséria.

Elas deveriam ganhar o pódio, pois dão a volta olímpica em busca das melhores ofertas. Saem de bairros distantes, na periferia de Belo Horizonte, e despencam na zona sul, atrás de uma única pechincha. E conseguem levar nas costas até um colchão usado que encontraram no lixo. Essas mulheres são mestres-de-obra, a levam nos braços toneladas de esperança, a argamassa da vida.

Sempre imagino onde é que essas mulheres ganharam tanta força muscular, para suportar o peso de um saco de batatas. Eu me pergunto em que academia essas mulheres conseguiram tanto esplendor. Vejo-as carregando pacotes de fubá e farinha. Vejo-as voando em direção ao ninho, para alimentar seus filhotes. Vejo-as pelos quatro cantos da cidade, como formigas a estocar alimento para o inverno, mas elas também não se esquecem de cantar como as cigarras.

Sempre pensei em homenagear essas mulheres, no Dia das Mães, com um poema, onde eu diria: ensinem-me o segredo de não sucumbir. Ensinem-me como é viver com salário mínimo ou dormir num único cômodo com dez filhos. Ensinem-me como é manter o calor, abrigar a solidariedade. Ensinem-me como multiplicar um único pão, a bendizer a vida. Ensinem-me como entrar num supermercado com R\$ 20 e voltar com os braços pesados de compras. Ensinem-me como dividir a sopa rala, a viver no limite. Ensinem-me a lavar, passar, costurar remendos. Ensinem-me a carregar o manto das cicatrizes, a fazer parte clã dos humilhados e ofendidos. Ensinem-me como passar um camelo no buraco da agulha, como tecer à luz de velas, como acender o último fósforo na escravidão. Ensinem-me como chegar ao reino dos céus, como transformar o inferno em paraíso. Como dedicar o rosário do sacrifício. Ensinem-me como viver de migalhas.

Preciso tirar o chapéu para essas mulheres que esfregam o chão onde o diabo cuspiu. E para uma mulher em especial, que não sei nem o nome, mas mora no bairro Veneza, em Ribeirão das Neves, um dos mais violentos da Região Metropolitana de Belo Horizonte, onde não existe saneamento básico e calçamento, as ruas de terra sã, na verdade, enormes crateras.

Um dia, pedi informação e um copo de água para essa mulher, que me convidou a entrar em seu barraco. Ao colocar o pé dentro da casa descobri Deus: vasos de flores nas janelas, cortinas de chita, piso de vermelhão encerado. Uma panela no fogo despertou meus sentidos: carne cozida de segunda, mas com um cheiro de dar água na boca. No quintal, ela colheu folhas enormes de taioba para o jantar e colocou perto das vasilhas que brilhavam. Ainda conseguiu me presentear com um molho de taioba, ramos de salsinha e cebolinha. E temperou a minha vida com a força da sua delicadeza.

* Déa Januzzi é cronista do jornal *Estado de Minas*.

Crônica transcrita do livro
"Coração de Mãe"



Buscar o prazer, evitar a dor

Jorge La Rosa *

O título enuncia um dos princípios organizadores do comportamento humano: no início da vida, é o único. O recém-nascido até os dois anos, aproximadamente, é guiado inconsciente e unicamente pela busca do prazer e fuga da dor: se está com fome chora, se está com otite chora, se se sente abandonado, também chora; enfim, através de sua linguagem manifesta seu desconforto. De outro modo, se não sente males físicos, se está alimentado, higienizado, acarinhado, está feliz!

O adulto também busca prazer e o saboreia: este se apresenta de múltiplas formas para diferentes pessoas e sensibilidades, ninguém é excluído de sua curtição.

Há o prazer da mesa: um apetitoso prato seduz pelo olfato e aspecto, acompanhado de bom vi-

nho; o prazer de comer uma fruta da estação com seu perfume característico. Enfim, a gastronomia está aí, com seus apelos e requintes.

Ligados aos olhos, quantos prazeres! Por de sol sobre o Guaiá,

flor tímida que desponta no jardim, arranjo floral, árvore carregada de frutos, céu estrelado ou lua cheia, sorriso ou gargalhada de criança! Enfim, bendita visão!

Outro sentido: O prazer de ouvir música preferida, sabiá cantando, de ler livro, de degustar poema, de receber notícias de alguém, de encontrar amigo, de bate-papo, de conviver com pessoas que amamos – enfim, são tantos e variados que só podemos agradecer!

E o prazer da oração?! Desse convívio íntimo com o Pai, desses silêncios permeados de presença – são momentos inolvidáveis que buscamos sempre de novo, aí haurimos paz, o espírito se desse-denta. – Os místicos chegam aos arroubos do êxtase! São Paulo o sentiu, e disse que é uma experiência incomunicável: “Os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração não sentiu o que Deus prepara para os que o amam” (1 Coríntios 2,9).

Há, ainda, o prazer ligado ao sexo, à criação poética ou artística, ao plantio de uma árvore, ao semear o bem. E sob mil formas. O prazer nos acompanha no cotidiano, ligado ao simples, ao convívio, e à curtição da criação porque “Deus viu que tudo era muito bom” (Gênesis 1,31).

OUTROS PRINCÍPIOS

O princípio do prazer, importantíssimo na organização do comportamento, não é, contudo, o único nem o mais importante.

O abuso dos prazeres da mesa compromete a saúde ou por excesso de comida ou pela quantidade de componentes prejudiciais contidos em alguns, como gordura ou açúcar; ou pela falta de equilíbrio na dieta alimentar, em que se privilegiam os alimentos de que se gosta em prejuízo dos que se necessita. Ou, ainda, pelo abuso do vinho! Nestes casos, o princípio do prazer precisa se harmonizar com a conservação da saúde e a fuga do alcoolismo. Do contrário, prejuízos incalculáveis!

E o sujeito que se entrega ao prazer da droga? Dilapida a saúde, destrói os vínculos sociais, infelicitá (inferniza) a família. É comum desembocar no crime! – A busca do prazer é importante, mas não é o valor supremo.

O PRINCÍPIO MAIOR

A mãe ou pai que se levanta em madrugada fria para atender o filho que chora de dor, não está orientado pelo princípio do prazer nem tampouco pela premissa de evitar o desconforto; o jovem que sacrifica horas de sono e finais de semana para se capacitar profissionalmente, certamente não sente prazer em dormir menos ou deixar de fruir festa prazerosa com amigos. Ainda: o pai que exerce trabalho estafante para prover o sustento da família e a satisfação de suas necessidades não está movido pela busca do prazer, o amor e a responsabilidade são suas referências.

Para a sabedoria, o amor é o princípio maior, o guia de escolhas e ações, o indicador de prioridades. Tudo se lhe subordina. Para os que acima de tudo amam, “a alegria de Deus será a sua força” (Livro dos Salmos)!

QUESTÕES PARA REFLETIR:

1^a) Quais os limites para a busca dos prazeres?

2^a) O que levar em conta para fazer uma opção entre prazeres conflitantes?

3^a) Como superar a dúvida entre o prazer e o dever?

* Jorge La Rosa é Professor universitário, doutor em Psicologia . E-mail: jlarosa@terra.com.br

Casamento = Amor Verdadeiro

Um famoso professor se encontrou com um grupo de jovens que falava contra o casamento. Argumentavam que o que mantém um casal é o romantismo e que é preferível acabar com a relação quando esse se apaga, em vez de seu submeter à triste monotonia do matrimônio.

O mestre disse que respeitava a opinião dos jovens, mas lhes contou a seguinte história: "Meus pais viveram 55 anos casados. Numa manhã minha mãe descia as escadas para preparar o café e sofreu um infarto".

Meu pai correu até ela, levantou-a como pode e quase se arrastando a levou até a caminhonete. Dirigi a toda velocidade até o hospital, mas quando chegou, infelizmente, ela já estava morta. Durante o velório, meu pai não falou. Ficava o tempo todo olhando para o nada. Quase não chorou.. Eu e meus irmãos tentamos, em vão, quebrar a nostalgia recordando momentos engraçados.

Na hora do sepultamento, papai, já mais calmo, passou a mão sobre o caixão e falou com sentida emoção:



"Meus filhos, foram 55 bons anos. Ninguém pode falar do amor verdadeiro se não tem idéia do que é compartilhar a vida com alguém por tanto tempo".

Fez uma pausa, enxugou as lágrimas e continuou: "Ela e eu estivemos juntos em muitas crises. Mudei de emprego, renovamos toda a mobília quando vendemos a casa e mudamos de cidade. Compartilhamos a alegria de ver nossos filhos concluiram a faculdade, choramos um ao lado do outro quando entes queridos partiram. Oramos juntos na sala de espera de alguns hospitais, nos apoiámos na hora da dor, trocamos abraços em cada Natal e perdoámos nossos erros...".

Filhos, agora ela se foi e estou contente. E vocês sabem por quê? Porque ela se foi antes de mim e não teve que viver a agonia e a

dor de me enterrar, de ficar só depois da minha partida. Sou eu que vou passar por essa situação e agradeço a Deus por isso. Eu a amo tanto que não gostaria que sofresse assim.

Quando meu pai terminou de falar, meus irmãos e eu estávamos com os rostos cobertos de lágrimas. Nós o abraçamos e ele nos consolava, dizendo: "Está tudo bem meus filhos, podemos ir para casa". E, por fim, o professor concluiu: "Naquele dia entendi o que é o verdadeiro amor. Está muito além do romantismo e não tem muito a ver com o erotismo, mas se vincula ao trabalho e ao cuidado a que se professam duas pes-

soas realmente comprometidas. Quando o mestre terminou de falar, os jovens universitários não puderam argumentar. Pois esse tipo de amor era algo que não conheciam.

O verdadeiro amor se revela nos pequenos gestos, no dia-a-dia e por todos os dias.

O verdadeiro amor não é egoísta, não é presunçoso, nem alimenta o desejo de posse sobre a pessoa amada.

Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado com certeza chegara mais longe

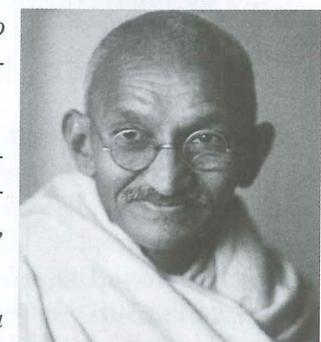
"A alegria está na luta, na tentativa, no sofrimento envolvido e não na vitória propriamente dita."

"As religiões são caminhos diferentes convergindo para o mesmo ponto. Que importância faz se seguimos por caminhos diferentes, desde que alcancemos o mesmo objetivo?"

"Um homem não pode fazer o certo numa área da vida, enquanto está ocupado em fazer o errado em outra. A vida é um todo indivisível."

"O medo tem alguma utilidade, mas a covardia não."

"Cada dia a natureza produz o suficiente para nossa carência. Se cada um tomasse o que lhe fosse necessário, não havia pobreza no mundo e ninguém morreria de fome."



Mahatma Gandhi

Há 200 anos Napoleão Bonaparte fez uma profecia, que está começando a realizar-se atualmente, ao dizer: "Deixem a China dormir porque, quando ela acordar, o mundo vai estremecer".

JÁ PENSOU COMO FICARIA A CHINA DO FUTURO?

Luciano Pires*

Alguns conhecidos voltaram da China impressionados. Um determinado produto que o Brasil fabrica em um milhão de unidades, uma só fábrica chinesa produz quarenta milhões...

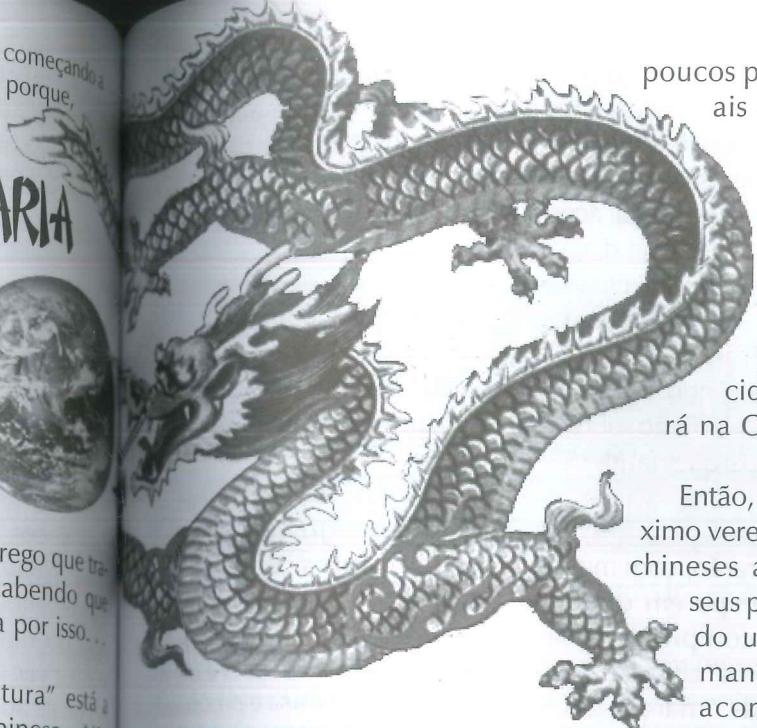
A qualidade já é equivalente. E a velocidade de reação é impressionante. Os chineses colocam qualquer produto no mercado em questão de semanas com preços que são uma fração dos praticados aqui.

Uma das fábricas está de mudança para o interior, pois os salários da região onde está instalada estão alto demais: 100 dólares. Um operário brasileiro equivalente ganha 300 dólares no mínimo que acréscidos de impostos e benefícios representam quase 600 dólares. Quando comparados com os 100 dólares dos chineses, que recebem praticamente zero benefícios estamos perante uma escravatura amarela e alienando-a...

Horas extraordinárias? Na China... Esqueça!!! O pessoal por lá é tão agradecido por ter um emprego que trabalha horas extras sabendo que não vai receber nada por isso...

Atrás dessa "postura" está a grande armadilha chinesa. Não se trata de uma estratégia comercial, mas sim de uma estratégia de poder para ganhar o mercado ocidental. Os chineses estão tirando proveito da atitude dos "marqueteiros" ocidentais que preferem terceirizar a produção ficando apenas com o que ela "agrega de valor": a marca. Dificilmente você adquire atualmente nas grandes redes comerciais dos Estados Unidos da América um produto "made in USA". É tudo "made in China", com rótulo estadunidense.

As Empresas ganham rios de dinheiro comprando dos chineses por centavo e vendendo por centenas de dólares



Apenas lhes interessa o lucro imediato e a qualquer preço. Mesmo ao custo do fechamento das suas fábricas e do brutal desemprego. É o que se pode chamar de "estratégia preconhenta".

Enquanto os ocidentais terceirizam as táticas e ganham no curto prazo, a China assimila essas táticas, cria unidades produtivas de alto desempenho, para dominar no longo prazo.

Enquanto as grandes potências mercadológicas que ficam com as marcas, com os designs... suas grifes, os chineses estão ficando com produção, assistindo estimulando e contribuindo para o desmantelamento dos já

poucos parques industriais ocidentais.

Em breve, por exemplo, já não haverá mais fábricas de tênis ou de calçados pelo mundo ocidental. Só haverá na China.

Então, num futuro próximo veremos os produtos chineses aumentando os seus preços, produzindo um "choque da manufatura", como aconteceu com o choque petrolífero nos anos setenta. Aí já será tarde demais. Então o mundo perceberá que reerguer as suas fábricas terá um custo proibitivo e irá render-se ao poderio chinês.

Perceberá que alimentou um enorme dragão e acabou refém do mesmo. Dragão este que aumentará gradativamente seus preços, já que será ele quem ditará as novas leis de mercado, pois será quem manda, ter o monopólio da produção.

Sendo ela e apenas ela quem possuir as fábricas, inventários e empregos são quem vai regular os mercados e não os "preconhentos". Iremos, nós e os nossos filhos, netos...

assistir a uma inversão das regras do jogo atual que terão nas economias ocidentais o impacto de uma bomba atômica . . . chinesa. Nessa altura em que o mundo ocidental acordar será muito tarde. Nesse dia, os executivos "preconhentos" olharão tristemente para os esqueletos das suas antigas fábricas, para os técnicos aposentados jogando boliche no clube da esquina, chorarão sobre as sucatas dos seus parques fabris desmontados.

E então lembrarão, com muitas saudades, do tempo em que ganhar dinheiro comprando "balatinho dos escravos" chineses, vendendo caro suas "marcas-grifes" aos seus conterrâneos.

ACREDITAR NA VIDA

Não espere um sorriso para ser gentil...

Não espere ser amado para amar...

Não espere ficar sozinho para reconhecer o amor de quem está ao seu lado...

Não espere a queda para lembrar-se do conselho...

Não espere o melhor emprego para começar a trabalhar...

Não espere ter dinheiro aos montes, para então contribuir...

Não espere por pessoas perfeitas para então se apaixonar...

Não espere a enfermidade para saber quão frágil é a vida...

Não espere elogios para acreditar em si mesmo...

Não espere a separação para buscar a reconciliação...

Não espere a mágoa para pedir perdão...

Não espere ficar de luto para reconhecer quem hoje é importante para você...

Não espere a dor para acreditar na Oração...

Não espere o dia da sua morte sem antes...

Acreditar na vida!!!

E então, entristecidos, abrirão suas "marmitas" e almoçarão as suas marcas que já deixaram de ser moda e, por isso, deixaram de ser poderosos pois foram todas copiadas

Refletam e comecem a comprar já os produtos de fabricação nacional, fomentando o emprego em seu país, pela sobrevivência do seu amigo, do seu vizinho e até mesmo da sua própria...e de seus descendentes.

Luciano Pires é diretor de marketing da Dana e profissional de comunicação.

CONFISSÕES DE UM PREGADOR

"Se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois pesa sobre mim essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o Evangelho" (1Co 9,16)

Paulo Nascimento*

Eu sou um pregador do Evangelho do Jesus Cristo. Das coisas que venho fazendo na vida, esta talvez seja a que me dê maior prazer. Hoje, penso em pregar esse Evangelho até o fim de minha vida. Não tenho certeza se terminarei meus dias vivendo do Evangelho. Mas quero terminá-los pregando-o. Já mudei de idéia, na fé, incontáveis vezes. Sempre quis ter a cabeça aberta às mudanças. Mas nunca mudei minha autopercepção como um pregador. Já preguei em todo tipo de congregação: nas pentecostais e nas tradicionais; nas ricas e nas pobres; na cidade e na zona rural; nas capitais e nas cidades do interior; em templos e em casas; em praças e em cima de trios elétricos; em todo tipo de lugar e para todo tipo de público.

Contudo, se nossa percepção da fé, do mundo, das pessoas, da vida, de nós mesmos, vai mudando – amadurecendo, penso eu –, o conteúdo de nossa pregação também vai. Já disse muita coisa nos púlpitos por onde passei que não diria hoje. Já privilegiei temas que não privilegia agora. Já interpretei passagens da Bíblia de uma forma que não repetiria atualmente. Quando eu era menino, pensava como menino, sentia como menino e pregava como menino. Não posso me arrepender de nada do que disse, porque quando reconhecemos que o que dissemos foi produto de uma época pregressa de menos amadurecimento, então o que dissemos não pode ser visto como equívoco. Talvez mais à frente eu questione essas palavras que agora escrevo, considerando-as como fruto deste

tempo em que vivo e da minha compreensão atual do que é a fé.

Por isso, escrevo esse texto para possíveis pessoas que, porventura, pensem em me convidar hoje como pregador do Evangelho. É bem verdade que nunca deveríamos convidar um pregador baseado em nossas próprias expectativas. Mas a idéia é a de evitar constrangimentos e desapontamentos desnecessários.

Se você for me convidar como pregador hoje, saiba, em primeiro lugar, que **gosto de pregar mais sobre a fé de Jesus do que sobre a fé em Jesus**. Talvez você não veja tanta diferença entre as simples preposições de e em. Saiba que para mim essas preposições fazem toda a diferença, e que, em minha opinião, a fé de Jesus é muito diferente da forma como a maioria das pessoas crêem *em* Jesus. A fé de Jesus é fé no Pai (*Abba*) que é Nossa, ao tempo em que a fé em Jesus quase sempre é a fé em um Pai que é Meu, de *Minha Igreja*. A fé de Jesus é fé também nas pessoas, algumas delas consideradas impuras, hereges e distantes de Deus, ao tempo em que a fé em Jesus quase nunca é fé nas pessoas, além de ser motivo para demonização, perseguição e exclusão de pessoas que pensam e vivem de modo diferente do nosso. A fé de Jesus é uma força que leva

ao serviço, ao posicionamento explícito do lado dos oprimidos, e arisco do confronto com os oprimidos desse mundo. Já a fé em Jesus quase sempre leva ao quietismo, à salvação da alma individual, e atualmente ao consumismo e à exaltação dos valores preconizados pelo Capitalismo.

Se você for me convidar como pregador hoje, saiba, em segundo lugar, que **gosto mais de pregar sobre problemas humanos, sobre dilemas coletivos como a pobreza, o racismo, a homofobia, a falta de segurança, a corrupção política, a inéria da sociedade, a exploração econômica e outros temas que dizem respeito à vida concreta das pessoas**. Saiba que não priviliejo hoje esses temas por mera sofisticação acadêmica ou vaidade intelectual. Privilegio atualmente esses temas porque os vejo, de abaixo, fervilharem na própria Bíblia. Saiba que, em minha opinião, esse trabalho que os chamados "movimentos sociais" realizam hoje, é o mesmo trabalho que as igrejas declinaram de fazer ontem. Saiba que ao enfatizar essas coisas, me move com a consciência de quem está querendo resgatar uma dimensão fundamental da cristã, testemunhada na Bíblia pelos profetas, por Jesus de Nazaré e pelas comunidades cristãs primitivas. Portanto, se você for me con-

vidar como pregador hoje, fique certo de que não vou me fundar em Marx, Engels ou Che Guevara. Talvez eu possa vez por outra me aproximar deles no que convergirem com a minha percepção do Evangelho. Mas é de Isaias, Amós e Jesus de Nazaré que meu discurso partirá, certamente.

Se você for me convidar como pregador hoje, saiba, em terceiro lugar, que **gosto de usar toda a amplitude do termo "salvação"**. Gosto especialmente da forma como no Antigo Testamento se fala em salvação, isto é, como um evento de dimensões históricas que trazia de volta a paz, a harmonia e a alegria do povo em meio a situações de crise e de perigos para a existência das comunidades. Gosto especialmente da forma com que Jesus se dirigia às pessoas, depois de algum milagre, dizendo-lhes "a tua fé te salvou", sem alusão a nenhum compromisso institucional. Gosto dessa salvação como o fim de um sofrimento físico, espiritual, psicológico e comunitário, como aquela que recebeu a mulher do fluxo de sangue. Gosto dessa salvação que é o resgate das potencialidades da vida, da possibilidade de voltar a viver como "gente comum", no meio dos outros, sem olhares julgadores, com a autoestima elevada. Creio na salvação como "vida eterna" aqui e no porvir. Mas se você for me con-

vidar como pregador hoje, saiba que não uso, já há algum tempo, a Idéia do Inferno como ameaça teológica e como meio de coação para a salvação eterna e para o ingresso na igreja.

Se você for me convidar como pregador hoje, saiba, em quarto lugar, que **gosto de ler a Bíblia de forma muito livre, confiando no auxílio do Espírito Santo, com meu espírito aberto à voz de Deus, usando ferramentas científicas que me ajudam na tarefa hermenêutica, e tendo a Jesus como "princípio interpretativo"**. Saiba que em lugar de ver na Bíblia um escrito psicografado por Deus através de certas pessoas, vejo nela um testemunho fantástico da caminhada do povo de Israel, produzido à luz de sua fé em Deus e das promessas messiânicas. Saiba que vejo na Bíblia um livro extraordinário, mas que pode ser tanto "palavra de Deus" quando lido e interpretado em função da vida, quanto "palavra do Diabo Humano" quando lido e interpretado para fundamentar violências simbólicas, exclusões e perseguições de toda sorte. Saiba que considero algumas porções do texto Bíblico como frutos da História, sem vigência atual, totalmente ultrapassadas, vencidas pela compreensão trazida por Jesus de Nazaré, que considero como Ponto de Plenitude da

Verdade. Fique sabendo que Jesus é meu "princípio interpretativo", e que considero "palavra de Deus", na Bíblia, tudo aquilo que converge com o ensino de Jesus sobre as coisas da fé. Saiba que para mim, a Bíblia oferece as melhores dicas para o tipo de convivência humana sonhada por todos os povos – sendo assim Palavra de Deus.

Por último, se você for me convidar como pregador hoje, saiba que **gosto de pregar sobre um Deus incompreensível e incognoscível para qualquer fé e qualquer teologia, que ama incondicionalmente tudo aquilo que criou**. Saiba que me esforço para permanecer fiel ao maior legado que o Protestantismo Antigo nos trouxe, e que os novos protestantismos esqueceram: a fé na Graça de Deus. Saiba que creio na Graça como um presente dado ao universo inteiro. Como dom de toda existência, e como oceano no qual está mergulhado o próprio Ser. Fique sabendo que não creio na Igreja como "mediadora exclusiva dessa Graça", mas creio nela como lugar potencial de acolhimento da Graça, e como comunidade onde a fraternidade e a esperança podem ser muito bem orientadas. Saiba que considero o dogma *Extra Ekklesia nula salus* – fora da Igreja não há salvação – uma heresia, uma declara-

ção de absoluta arrogância, e uma tolice total. Saiba que creio em um Deus que ri de certas convicções dogmáticas, e que, por conta dessa Graça, guarda grandes surpresas para aqueles que vivem seguros em si mesmos acerca de sua condição espiritual no mundo.

É assim que prego o Evangelho hoje. Prego como forma de gratidão pelo que o próprio Evangelho fez em mim. Como disse Paulo de Tarso, prego como forma de "contrangimento existencial", porque "ai de mim se não pregar o Evangelho" (1Cor 9,16). Talvez depois destas confissões me sobre pouco espaço para pregar nas igrejas. O que pouca gente sabe é que os cristãos, historicamente, começaram a se confinar em templos religiosos já na fase de "constantinização" de sua fé. O próprio Jesus tinha nas sinagogas e no Templo apenas mais dois espaços, entre outros tantos, para sua pregação. Na maior parte do tempo sua pregação se dava mesmo era nas ruas, nas casas, nos espaços públicos, e em qualquer outro ambiente onde pessoas quisessem lhe ouvir. Eu também trabalho para fazer do mundo o meu púlpito, onde pregar possa ser mais do que falar, sobretudo viver.

Amém!

* Paulo Nascimento é Pastor da Igreja Batista do Pinheiro, em Maceió

Colaboração recebida do leitor
Marconi Oliveira Gadelha

Está em perigo o casal atual?

Deonira L. Viganó La Rosa

Apesar de já havermos abordado este tema em outras circunstâncias, nunca será demais voltarmos a refletir sobre a realidade dos casais pós-modernos que enfrentam o cotidiano desafio de amarem-se em um mundo regido pelas mudanças e pela velocidade.

Serão úteis algumas reflexões publicadas pela terapeuta mexicana Vitoria Villa, em seu blog. Ela explana certas variáveis que dizem respeito às dificuldades dos casais atuais:

O estresse: Parecemos programados, exigidos a cumprir com perfeição uma cultura centrada na imagem bela e saudável. A idéia de sucesso nos persegue, sem nem mesmo pensarmos em que consiste este sucesso e se o queremos para nossas vidas. A competitividade é feroz, desleal, que atenta contra a solidariedade humana nos amassa. São muitos os casais esgotados, vivendo em grandes cidades, percorrendo distâncias e sofrendo mudanças permanentes, tendo cada vez menos tempo de convivência.

Crises frequentes: Na cultura da pós-modernidade predominam os valores do individualismo, da satisfação imediata dos desejos, projetos e motivações. A busca da imediatização tem gerado menos tolerância frente a situações críticas, menos capacidade para controlar os impulsos, para negociar com o outro, para melhor comunicar-se com o outro, para ser flexível e poder pospor desejos pessoais. Poder-se-ia dizer que sem crise não haverá crescimento nem amadurecimento, entretanto, hoje, muitos casais acreditam que as discussões e desacordos implicam necessariamente uma ameaça de separação.

Mudança de papéis: Atualmente ninguém parece ter tãoclaro: O que significa ser um bom marido? Uma boa esposa? Homens e mulheres trabalham, têm acesso ao dinheiro e ao poder. Ambos esperam dar e receber afeto. As mulheres não se conformam mais com um homem provedor. Querem homens conectados, capazes de ser empáticos com elas, de falar com

Fundamentalistas



Todo fundamentalismo é perigoso, seja quando se trata de religião, política, economia, nacionalismo ou até em temas "prosaicos" como futebol e música.

Zeca Baleiro

Não creio em Deus. Pelo menos não da mesma forma que um cristão ou um muçulmano. Tenho apreço pelos ritos católicos e curiosidade por vidas de santos, isso por ser um amor aprendido na infância – e amores da infância são (quase) eternos. O "Deus" que me interessa é um Deus mais "filosófico" (ou mesmo "teológico") que um Deus santo. Aí está a grande questão.

A filosofia é, grosso modo, a possibilidade de relativizar as coisas, e para as religiões não há relativização possível. Ou é céu ou inferno, ou pecado ou virtude, ou Deus ou diabo, bem ou mal.

Seja como for, religião é um assunto que me interessa. E que ultimamente me preocupa. Porque noto que as religiões estão todas se tornando um tanto fun-

elas de igual para igual. Todos estamos confusos. Para onde vão hoje os casais? E não pensamos que o passado foi melhor. Somente era mais simples. Não havia tantos cenários possíveis, tantas coisas em que pensar. Hoje o casal pode construir-se, amar-se, de mil maneiras diferentes.

Conflitos de poder: Nos dias atuais, a idéia de decisões compartilhadas é culturalmente popular, porém, também o é o convite à competição. Quem manda em quem? Quem administra o dinheiro? Quem decide como educar os filhos? ... e talvez devêssemos dizer simplesmente que são os dois. Porém, na realidade, compartilhar as decisões, reconhecer que o outro pode ser melhor, ou mais hábil que nós em alguma área, é um grande desafio que não muitos casais entendem.

A rotina, a infidelidade e a agressão: A rotina, na sociedade que adora o novo, está super desprestigiada. Os casais hiper-valorizam a espontaneidade. Se descobrem tantas opções para experimentar a sexualidade, por exemplo, também é verdade que às vezes um termina sentido-se aborrecido e carente de criatividade. Dizem que o homem é como se ainda estivesse nas cavernas e não quer falar quando chega em casa e a mulher necessita muito mais

do que ele da conversação. Esta situação gera brigas, insatisfações e reclamações.

As infidelidades podem ser reflexo desta necessidade do novo, da idealização da paixão, embora o dia a dia ao lado de alguém possa ser também estimulante, ainda que de uma forma mais tranquila, porém não menos valiosa.

A agressão é talvez a forma mais deteriorada através da qual os casais tentam resolver suas frustrações, e projetar no outro suas partes desagradáveis ou não aceitas, tentando assim livrar-se da responsabilidade de que o casal esteja ou não funcionando.

Pensar estas idéias: Talvez aceitar estas idéias e pensá-las possa ajudar-nos a desidealizar o amor e a convivência e entender um pouco mais que o amor é um produto artesanal que requer cuidado, reflexão, autocrítica e muita tolerância e paciência.

Questões para refletir:

1º) Quais dificuldades o casal enfrenta para entender e desempenhar seus papéis no matrimônio?

2º) Que recursos você conhece e usaría para superar dificuldades de convivência?

Deonira L. Viganó La Rosa
Terapeuta de Casal e de Família
Mestre em psicologia

damentalistas (e não só o islamismo, como já é sabido). Todo fundamentalismo é perigoso, seja quando se trata de religião, política, economia, nacionalismo ou até em temas "prosaicos" como futebol e música (conheço alguns "fundamentalistas de mesa de bar", aqueles sujeitos de opinião irredutível que têm a convicção dos crentes e a falta de humor dos fanáticos).

Os fundamentalistas querem a volta à barbárie, querem subtrair da humanidade todas as suas conquistas, quando o único futuro possível do mundo – se é que há um – parece ser o culto à civilidade, a busca da democracia (mesmo que esta seja uma busca utópica) e o respeito e a tolerância às escolhas dos outros. Um mundo próximo do ideal seria um mundo onde todos pudessem vivenciar seus credos e convicções sem o

barulho insano e cego das turbas, sem a sanha fundamentalista dos grupos e doutrinas. Mas isso parece cada vez mais longe.

Entre os anos 60 e 70, muitos americanos se converteram ao islamismo, entre eles personalidades pop como o lutador Classius Clay e o cantor Cat Stevens. Isso ajudou bastante a difundir a doutrina islâmica mundo afora. Era charmoso, com uma certa tinta contracultural até. Naquela altura, ninguém imaginaria que a religião islâmica seria a máquina de morte em que se transformou hoje. Hoje também evangélicos às pencas, dispostos a carregar mais ovelhas para seu rebanho, invadem a internet como pragas no Egito para difundir seu pensamen-

to moral totalitário em comentários nem sempre felizes ao pé de blogs e sites de notícias. E os católicos buscam, com a Renovação Carismática e sob o comando de um papa sem carisma, a volta dos fiéis pela espetacularização da fé através da missa-show e do sermão-palestra motivacional.

A falência das liturgias e o avanço de uma visão fundamentalista do mundo são sintomas do que Nietzsche, não por acaso um filósofo, decretou bem antes de nós, com a certeza de um crente: "Deus está morto." Com esses questionamentos acerca da fé, me indago: estarei eu sendo um fundamentalista também?

Zeca Baleiro é cantor e compositor

SOBRE A SABEDORIA

“Não confunda jamais conhecimento com sabedoria. Um o ajuda a ganhar a vida; o outro a construir uma vida.”

Sandra Carey

“A sabedoria começa na reflexão.”

Sócrates

“A sabedoria da vida é sempre mais profunda e mais vasta do que a sabedoria dos homens.”

Maximo Gorki



cuidades da vida. O melhor roteiro é ler e praticar o que lê.

O bom é produzir sempre e não dormir de dia.

Também não diga prá você que está ficando esquecida, porque assim você fica mais.

Nunca digo que estou doente, digo sempre: estou ótima.

Eu não digo nunca que estou cansada.

Nada de palavra negativa.

Quanto mais você diz estar ficando cansada e esquecida, mais esquecida fica. Você vai se convencendo daquilo e convence os outros.

Então silêncio! Sei que tenho muitos anos.

Sei que venho do século passado, e que trago comigo todas as idades, mas não sei se sou velha não. Você acha que eu sou?

Tenho consciência de ser autêntica e procuro superar todos os dias minha própria personalidade, despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto, pois lutar é a palavra vibrante que levanta os fracos e determina os fortes.

O importante é semear, produzir milhões de sorrisos de solidariedade e amizade.

Procuro semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça.

Digo o que penso, com esperança.

Penso no que faço, com fé.

Faço o que devo fazer, com amor.

Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também

se aprende.”

Cora coralina morreu em 1985 aos 95 de idade, cuidou do seu interior mais do que seu exterior, tinha todas as linhas da vida no rosto, e que vida!

O QUE É VIVER BEM?

Um repórter perguntou à CORA CORALINA o que é viver bem?

Ela disse-lhe: "Eu não tenho medo dos anos e não penso em velhice.

E digo prá você, não pense.

Nunca diga estou envelhecendo ou estou ficando velha.

Eu não digo. Eu não digo que estou ouvindo pouco.

É claro que quando preciso de ajuda, eu digo que preciso.

Procuro sempre ler e estar atualizada com os fatos e isso me ajuda a vencer as dificuldades da vida. O melhor roteiro é ler e praticar o que lê.

O bom é produzir sempre e não dormir de dia.

Também não diga prá você que está ficando esquecida, porque assim você fica mais.

Nunca digo que estou doente, digo sempre: estou ótima.

Eu não digo nunca que estou cansada.

Nada de palavra negativa.

Quanto mais você diz estar ficando cansada e esquecida, mais esquecida fica. Você vai se convencendo daquilo e convence os outros.

Então silêncio! Sei que tenho muitos anos.

Sei que venho do século passado, e que trago comigo todas as idades, mas não sei se sou velha não. Você acha que eu sou?

Tenho consciência de ser autêntica e procuro superar todos os dias minha própria personalidade, despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto, pois lutar é a palavra vibrante que levanta os fracos e determina os fortes.

O importante é semear, produzir milhões de sorrisos de solidariedade e amizade.

Procuro semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça.

Digo o que penso, com esperança.

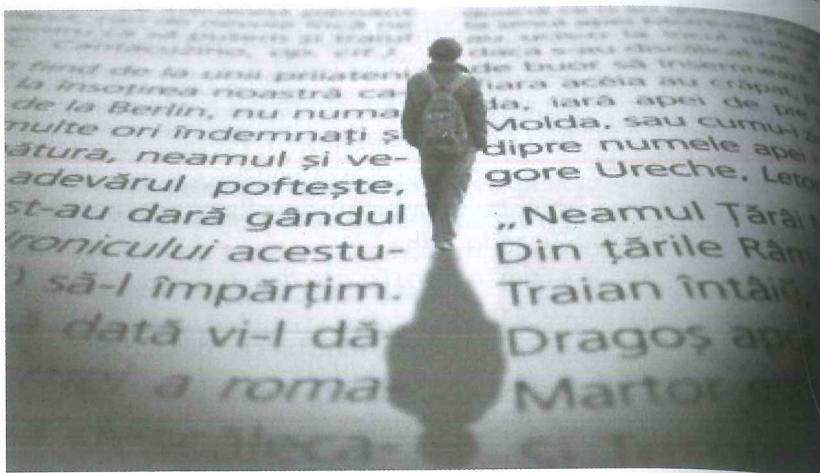
Penso no que faço, com fé.

Faço o que devo fazer, com amor.

Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também

se aprende.”

Palavras na fila da aposentadoria



'Astúcia' virou esperteza, 'afóiteza' agora é agilidade e equilíbrio substitui 'temperança'

Anna Verônica Mautner*

POR QUE palavras caem em desuso? Listarei umas ainda conhecidas, mas pouco úteis na linguagem corriqueira.

Bem poucos são os verbos que caem no esquecimento, e é mais lento o processo do seu desaparecimento. Com advérbios acontece o mesmo.

Já os substantivos aumentam na medida da criação de novas "coisas": materiais, máquinas e formas de energia, para não falar das tecnologias. Os adjetivos também se transformam e somem.

O que mais me chama atenção são as palavras relativas a

comportamentos, sentimentos, reações emocionais, que, assim como aparecem, desaparecem.

A primeira que me ocorre tem a ver com aparência, moda, tecido, modelo: caimento. Para haver um bom caimento, é preciso que o modelo seja adaptado ao tecido, o corte seja bem feito, a costura, caprichada, e tudo o mais que vai com a elegância.

"Caimento" some porque a produção industrial impede, em parte, que se leve em conta descaudas como essa. Uma das soluções que se achou foi a moda da roupa justa, quase uma segunda pele. E pele, de preferência, não tem caimento.

Daria para fazer um romance só sobre essa palavra. Mas basta dizer que o mundo mudou e não tem mais lugar para a ideia de "caimento". A elegância enveredou por outros caminhos.

E quem conhece criança "insolente" ou "petulante"? Existem, só que nem merecem mais adjetivação. Fica por conta de serem crianças, portanto, sem bons modos.

"Recato", "compostura", "pudor" falam sobre adequação. E a "indolência", onde foi parar? Indolente, hoje, a gente chama de apático.

"Astúcia" sumiu, sobrou a esperteza. "Afoiteza" tomou ares de agilidade. O que se usa mais, afinal: "arrogância" ou "empáfia"? Acho que a "empáfia" está morrendo. Antes, há não mais de dez anos, o arrogante, o metido era "convencido". Charme e "lascívia" se misturavam ao que hoje é

"Experiência não é o que acontece a uma pessoa. É o que ela faz com aquilo que lhe acontece".

Aldous Huxley

"Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos."

Antoine de Saint-Exupéry

chamado de sedução. E o equilíbrio substituiu a "temperança".

A cada vocabulário que morre e outro que nasce corresponde um jeito diferente de viver e avaliar o outro.

Cada um de nós é capaz de aumentar essa lista. O importante é não deixar passar essas mudanças sem perceber o que ocorre. Acho que em 50 anos algumas dessas palavras serão totalmente desconhecidas, mas não estarei aqui para confirmar.

Gosto de acompanhar essas mudanças, sem fazer muita teoria, só um pouquinho. Mas sem deixar passar que o dicionário do nosso cotidiano se movimenta.

Anna Verônica Mautner é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, e autora de "Cotidiano nas Entrelinhas" (ed. Agora)

Transcrito da Folha de São Paulo

Que a saúde se difunda sobre a terra

A Ecologia e as Políticas Públicas na área da saúde no Brasil

Prof. Mario Antonio Betiato
PUCPR

A Igreja propõe para este ano de 2012 a Campanha da Fraternidade com o tema: Fraternidade e Saúde Pública e o lema extraído do livro do Eclesiástico: "Que a saúde se difunda sobre a terra" (Eclo. 38,8).

E a saúde, como vai?

Quando falamos em saúde, do ponto de vista da fé cristã (concepção teológica), estamos falando em salvação, isto é, na Bíblia, **saúde e salvação** são coisas semelhantes. A origem da palavra é do latim *salus* de onde deriva *salvus*. Ora, nós cristãos, cremos

que o nosso Deus é o salvador do mundo, não somente das pessoas individualmente, mas do mundo todo, do universo inteiro que caminha para o bem (benção), que é a reconciliação em Cristo, o salvador, e que um dia será salvo de todo o mal (maldição). Daí decorre que falar em saúde (salvação) não se limita simplesmente em curar doenças. Quando dizemos doença, estamos nos referindo a situações concretas, de pessoas que ficam doentes e então morrem. Isso é natural. Mas quando falamos em saúde, estamos nos referindo a algo muito maior. Saúde é a salvação do mundo e das criaturas todas que nele habitam, o que é a vontade

do nosso Deus, o Deus da vida, da salvação. É o Deus que cuida da saúde da terra e de todos os filhos e filhas da mãe terra. Claro os conceitos acima, vêm para uma reflexão sobre Ecologia que é uma temática que vem tomando vulto e sendo retomada pela Igreja já há muito tempo. É um momento propício para sairmos das reflexões mediocres (ou quem sabe medíocres) sobre uma ecologia romântica, de catarinas e borboletas, para uma reflexão mais elaborada, o que implica na salvação e na saúde de todos. Aqui está o ponto: os problemas da saúde pública são fundamentalmente problemas ambientais que começam com a poluição industrial, escassez de recursos naturais, urbanização descontrolada, meio ambiente, condições climáticas (secas ou enchentes), gestão das águas (recursos hídricos), uso indiscriminado de remédios químicos, agricultura insustentável, destino do lixo, dependência química, tabagismo, e outros tantos malfeitos. São estas questões não resolvidas que comprometem a saúde das pessoas e do mundo.

Infelizmente, a concepção de saúde, hoje, é muito biológica e pouco social. Nossos profissionais da saúde são preparados para curar doenças e queremos defender

a idéia que isso é muito pouco, porque mais importante que estancar sangrias, é perguntar e responder: Porque as sangrias existem? Quais são as suas causas?

Os custos com medicamentos, internações, tratamentos de longo prazo, poderiam ser reduzidos, se fosse dada a devida atenção ao saneamento básico e às causas geradoras citadas nos parágrafos anteriores deste artigo. Basta um exemplo: apenas cinqüenta por cento da população brasileira tem esgoto ligado à rede coletora e a maioria destes esgotos não recebe o tratamento adequado.

Se biologicamente nós somos aquilo que comemos e bebemos, façamos então algumas perguntas: Onde estão as políticas públicas eficazes na contensão e fiscalização dos agrotóxicos que provocam sangrias sérias? A quantas andam as políticas públicas no cuidado com a água? E a prevenção e conscientização sobre os efeitos malvados do fumo, do alcoolismo e das outras drogas todas? E o destino do lixo em nossas casas e cidades?

Políticas públicas na área da saúde devem abranger muito mais do que analgésicos comprimidos. A Comissão Mundial de Água e outros organismos internacionais demonstram que cerca de três bi-



Ilhões de habitantes em nosso planeta estão vivendo sem o mínimo necessário de condições sanitárias. Um bilhão não tem acesso à água potável e é em consequência dessa grave realidade, que ainda persistem diversas doenças como: diarréia, esquistosomose (lombrigas), febre tifóide, doenças que matam mais de cinco milhões de seres humanos por ano, sendo que um número maior de doentes sobrecarrega os precários sistemas de saúde da maioria dos países. Isso tudo poderia ser evitado se houvessem políticas públicas preventivas, saneamento. Para cada um real em prevenção se economizam quatro ou cinco reais em cura.

Sabemos que existem inúmeros projetos para captação de recursos na área da Ecologia, porém, também sabemos que a maioria deles são enfeites ou remendos que podem impressionar turistas exibindo pequenos lagos e bosques, sem atingir o cerne do problema. Saúde e Ecologia são temas que precisam ser abordados com maior profundidade nas escolas, nas Igrejas e em toda a sociedade organizada. E não somente de maneira pontual, num período específico ou numa disciplina específica. É uma questão transversal, isto é, algo que atravessa toda a conversa, todo o conhecimento.

Quanto às Igrejas, quem sabe, seja um momento propício para trazer Deus de volta para a terra e superar essa dicotomia, esse descompasso que ainda existe entre as "coisas do céu" e "as coisas do mundo". Trazer de volta o Deus que esteja juntinho de nós, como no Jardim do Éden com Eva, Adão e todas as criaturas; com Noé, ordenando a construir uma arca para a salvação do mundo; com Abraão e Moisés conversando face a face; com Jó, discutindo e dialogando sobre o mal, o sofrimento e a condição humana. Juntinho do povo como Jesus que pôs os dedos nos ouvidos do surdo, que curou o cego de nascença pondo saliva nos olhos, que chorou e suspirou como os humanos fazem, que ficou nervoso na hora certa e também soube calar na hora certa.

Que o Deus da vida, que se encarnou e se tornou gente, seja fonte inspiradora para comida saudável (hortas caseiras), beber pura (água limpa), pão (integral), terra boa (com minhocas e lesminhas), agricultura sustentável (livre da perversidade dos venenos mortais). Este é o começo do paraíso, que não está nas nuvens. Está no meio de nós, quem está abraçado com Deus criador da nossa tenda, dono do

"Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo" (Mt 4.1)

Adriano Moreira*

Tentação faz bem. O contrário do que pensa a maioria. Faz tão bem que muitas vezes Deus nos conduz a ela. Não obstante não termos aprendido ainda o valor dela, diríamos que a tentação é um mal necessário à vida do discípulo. Isto por que:

Sem tentação ninguém cria caráter. Pois é na tentação que nosso caráter é polido, provado, crisolado e purificado. Só o ambiente da tentação tem este poder. A tentação é o encontro de nossos desejos com as ofertas do mundo ou do diabo.

Sem tentação ninguém forja o espírito. O homem só consegue ser de um espírito ilibado, humilde e santificado após ter passado pela tentação e ser aprovado por Deus. Você sabe de que espírito é? Há muitas pessoas de espírito soberbo, arrogante, prepotente, autoconfiante, amargurado, irado, etc. Só na tentação se faz uma expurgação total de lixos que se acumulam no ser.

Sem tentação ninguém cria consciência. Uma consciência pura, sem culpa, sem neuroses e livre de qualquer cauterização; uma consciência de si mesmo, de Deus, da vida e do mundo; uma consciência responsável, madura e aprofundada na verdade do Evangelho só é possível quando se vence as tentações.

Sem tentação ninguém se enxerga. A tentação tem o poder refletivo de um espelho que nos faz enxergar quem e o que somos. Faz-nos ver nossas fraquezas e necessidades. Permite-nos conhecer nossos limites e dependência de Deus.

Sem tentação ninguém amadurece. Já se sabe que a tentação amadurece o homem e faz dele um adulto na fé. Segundo Paulo, não devemos permanecer toda a vida como meninos. A tentação serve como nutriente para este crescimento espiritual na fé.



SEM TENTAÇÕES

Sem tentação o amor deixa de ser uma escolha. O amor deve ser uma escolha, não uma imposição. Deve ser o caminho mais excelente escolhido pelo discípulo. Só na tentação o amor a Deus torna-se uma escolha do ser tentado. Entre outras alternativas, como a de ceder à tentação, o discípulo escolhe amar a Deus e sua vontade.

Sem tentação a obediência não é fruto de decisão. Obedecer a Deus não pode ser uma corsão, um fruto do medo, tão pouco uma barganha. Obedecer a Deus deve ser fruto de uma consciência decidida em fé e amor. É na tentação que a

obediência se torna fruto de uma decisão consciente.

Sem tentação as escolhas podem se tornarem caprichos. A vida é feita de escolhas. Por esta razão a facilidade de se confundirem com caprichos. Na tentação a escolha não pode ser um capricho, precisa ser consciente, certa e sábia.

Se nem Jesus viveu e venceu sem tentações não será diferente na vida de seus discípulos

* Adriano Moreira é Professor político, jurista e sociólogo

"Esta é a verdade: a vida começa quando a gente comprehende que ela não dura muito."

"Pais e filhos não foram feitos para ser amigos. Foram feitos para ser pais e filhos."

"Quem mata o tempo não é assassino mas sim um suicida."

"Hoje vale a pena ser honesto. A concorrência é menor"

Millôr Fernandes

Tempo de Quaresma

"Para que toda a humanidade se abra à esperança de um MUNDO NOVO"
(Oração Eucarística VI-D)

Fr. Marcos Sassatelli*

O Tempo da Quaresma começa na 4^a Feira de Cinzas e se estende até a Celebração da Ceia do Senhor na 5^a Feira Santa. É o tempo de preparação para a Celebração da Páscoa. "Tanto na liturgia quanto na catequese litúrgica esclareça-se melhor a dupla índole do tempo quaresmal que, principalmente pela lembrança ou preparação do Batismo e pela penitência, fazendo os fiéis ouvirem com mais frequência a palavra de Deus e entregarem-se à oração, os dispõe à celebração do mistério pascal" (Concílio Vaticano II. A Sagrada Liturgia - SC, 109).

O Tempo da Quaresma é um convite permanente à conversão, que é um processo contínuo de mudança de vida. Nesse processo, vivenciamos também "tempos fortes" de conversão, que são



"tempos fortes" de graça de Deus. Eles brotam da ação do Espírito Santo e provocam transformações profundas, que levam as pessoas a reorientar a vida, a mudar de direção, a deixar de caminhar numa estrada para andar numa outra e a aderir radicalmente ao projeto de Deus – ao Reino de Deus – que satisfaz plenamente as aspirações do ser humano. "O tempo já se cumpriu e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e creiam na Boa Notícia (no Evangelho)" (Mc 1, 15).

Em outras palavras, o processo de conversão é o próprio processo de aperfeiçoamento do ser humano como vir-a-ser, como ser de busca permanente dentro do projeto de Deus, que é o seu Reino. "Sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu" (Mt 5, 48). Esse processo de aperfeiçoamento é histórico, mas aberto ao meta-histórico (ao transcendente), ou seja, à plenitude da perfeição (da santidade, da salvação) e da vida, que é o Reino de Deus definitivo.

O processo de conversão envolve, pois, o ser humano todo e todos os seres humanos, em todas as dimensões: pessoais (corpórea, biopsíquica, espiritual), sociais (sócio-econômica, sócio-política, sócio-ecológica, sócio-cultural) e cósmica.

"Sabemos que a criação toda gême e sofre dores de parto até agora. E não somente ela, mas também nós, que possuímos os primeiros frutos do Espírito, gememos no íntimo, esperando a adoção, a libertação para o nosso corpo. Na esperança, nós já fomos salvos. Ver o que se espera já não é esperar: como se pode esperar o que já se vê? Mas se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos" (Rm 8, 22-25).

Na medida em que a conversão acontece, ela liberta de tudo aquilo que impede a vida: dos pecados pessoais, do pecado social ou estrutural e do pecado do mundo (o anti-Reino de Deus). O pecado do mundo inclui o pecado social ou estrutural e os pecados pessoais, mas é mais do que a soma do pecado social ou estrutural e dos pecados pessoais. O pecado social (sócio-econômico, sócio-político, sócio-ecológico, sócio-cultural) ou estrutural inclui os pecados pessoais, mas é mais do que a soma dos pecados pessoais. "Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo" (Jo 1, 29).

A Igreja, diz o Documento de Aparecida (DA), depois de constatar que "muitas das estruturas atuais geram pobreza" (501) e falar por isso de "um sistema econômico iníquo" (385), denuncia as "situações de pecado" (95), as "estruturas de pecado" (92, 532), as "estruturas de morte" (112). A Igreja quer colaborar "com outros organismos ou instituições para organizar estruturas mais justas nos âmbitos nacionais e internacionais".

Afirma que "é urgente criar estruturas que consolidem uma ordem social, econômica e política na qual não haja iniquidade e onde haja possibilidades para todos" (384). Os cristãos e as

devem contribuir "para a transformação das realidades e para a criação de estruturas justas segundo os critérios do Evangelho" (210).

Podemos, portanto, afirmar que a conversão – como processo concreto de mudança de vida – passa necessariamente pela conversão das pessoas (conversão pessoal), pela conversão da sociedade ou das estruturas (conversão social ou estrutural) e pela conversão do mundo (conversão cósmica).

Enfim, "cantar a Quaresma é cantar a dor que se sente pelo pecado do mundo, que, em todos os tempos e de tantas maneiras, crucifica os filhos de Deus e prolonga, assim, a Paixão de Cristo (CNBB. Guia Litúrgico-Pastoral. Edições CNBB, 2ª Edição, 2007, p. 86). Tudo isso, porém, com a certeza da ressurreição, com a certeza da vitória. Vitória! Tu reinarás! Ó Cruz, tu nos salvarás!" (Canto pascal).

A Campanha da Fraternidade de cada ano explicita o compromisso dos cristãos e cristãs na vivência

concreta da Quaresma. O tema da Campanha da Fraternidade 2012 é: "Fraternidade e Saúde Pública" e o lema: "Que a Saúde se difunda sobre a Terra" (cf. Eclo 38, 8). Com a Campanha da Fraternidade 2012, a Igreja deseja SENSIBILIZAR a todos e a todas "sobre a dura realidade de irmãos e irmãs que não têm acesso à assistência da Saúde Pública condizente com suas necessidades e dignidade"; REFLETIR sobre essa realidade, "que clama por ações transformadoras" e MOBILIZAR "por melhoria no Sistema Público de Saúde". "A conversão pede que as estruturas de morte sejam transformadas" (Texto-Base, p. 9 e 12). Que todos e todas vivamos intensamente a Quaresma e a Campanha da Fraternidade!

* Fr. Marcos Sassatelli é Frade Dominicano. Doutor em Filosofia e em Teologia Moral. Prof. na Pós-Graduação em DD.HH. (Comissão Dominicana Justiça e Paz do Brasil/ PUC-GO). Vigário Episcopal do Vicariato Oeste da Arq. de Goiânia. Admin. Paroq. da Paróquia N. Senhora da Terra



Tempo de reflexão

Jorge Leão*

Em um tempo em que velhos ressentimentos tomam status de super heróis fantasiados de prazer momentâneo, em que a busca pelo ter tem primazia sobre o ser...

Onde o ego pessoal vale mais que os valores universais, como a doação, o amor incondicional, a amizade, a solidariedade, o senso de justiça e da verdade contida na sabedoria milenar dos sábios...
iogues..

Onde o dinheiro parece vencer a batalha no campo psico-socio-ambiental de nossa jornada evolutiva...

Onde as farmácias escondem

sintomas psico-físicos há muito tempo camuflados por nossa abordagem médica superficial e empobrecedora...

Em que a ciência se reduz à tecnologia...

em que a religião se mascara em doutrinas...

Em que a verdade é relativa às circunstâncias do momento...

Onde não temos mais tempo de aprofundar relações de amizade e cordialidade, pois tudo é tão acelerado, que não temos mais tempo de sentir Deus... o máximo que fazemos às vezes é acreditar que Ele existe...

Vivemos no tempo de não ter tempo para as coisas essenciais...

Esse tempo nos tem adoecido, nos tem envelhecido de modo precoce, nos tem matado aos pouquinhos...

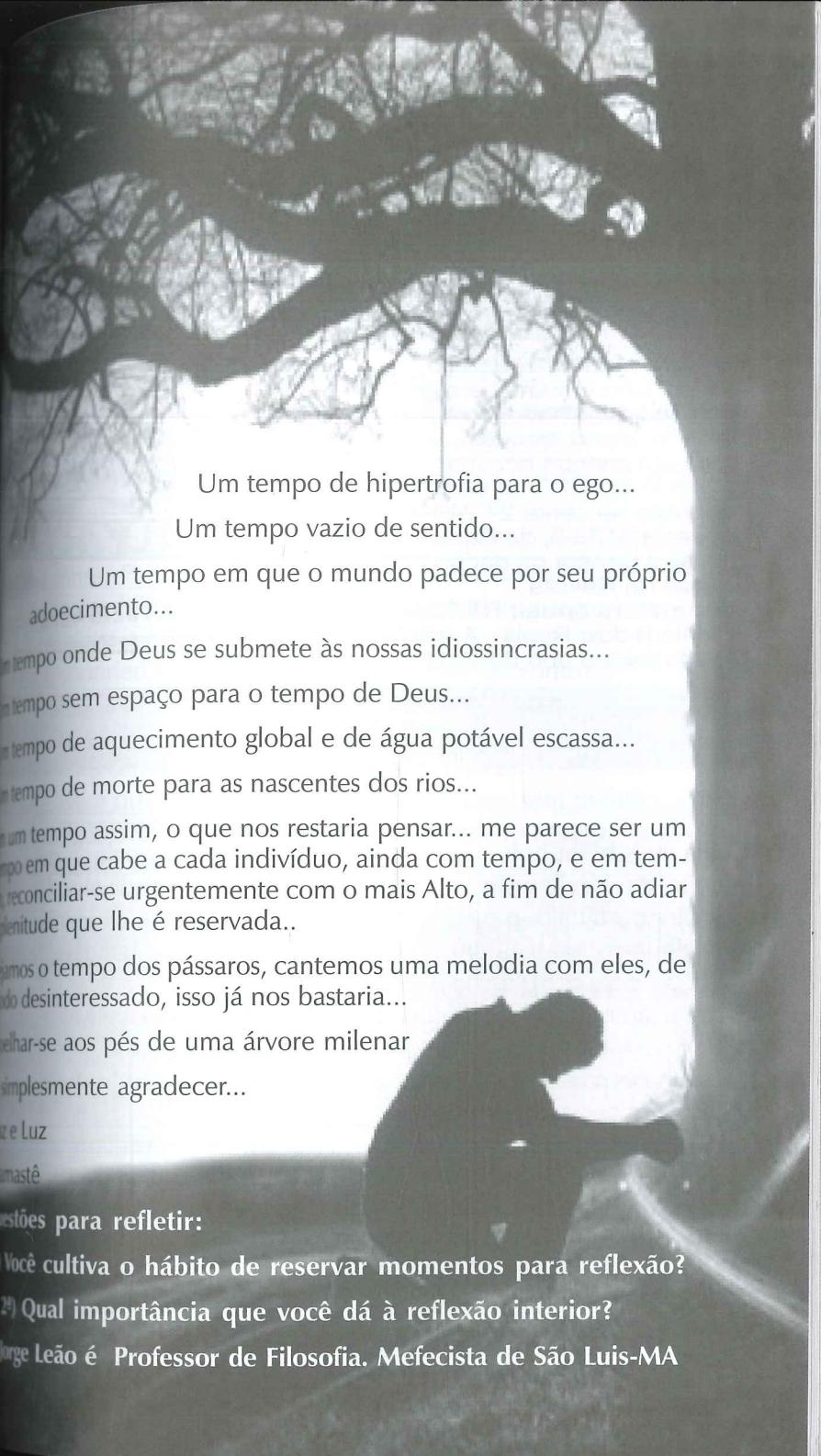
Um tempo de pouco tempo para perder tempo com o outro, coisa impensável...

Um tempo sem sinais de reflexão...

Um tempo em que a música se transforma em pancadaria auditiva, e nossa comida em fast food...

Em que a Amazônia se torna objeto de desejo do mundo porque nela há riqueza em potencial para os cofres das grandes empresas multinacionais...

Um tempo de morte para a filosofia...



Um tempo de hipertrofia para o ego...

Um tempo vazio de sentido...

Um tempo em que o mundo padece por seu próprio adoecimento...

um tempo onde Deus se submete às nossas idiossincrasias...

um tempo sem espaço para o tempo de Deus...

um tempo de aquecimento global e de água potável escassa...

um tempo de morte para as nascentes dos rios...

um tempo assim, o que nos restaria pensar... me parece ser um tempo em que cabe a cada indivíduo, ainda com tempo, e em tempo de reconciliar-se urgentemente com o mais Alto, a fim de não adiar a plenitude que lhe é reservada..

um tempo dos pássaros, cantemos uma melodia com eles, de modo desinteressado, isso já nos bastaria...

sejamos os pés de uma árvore milenar e agradecer...

Luz

amasté

questões para refletir:

• Você cultiva o hábito de reservar momentos para reflexão?

• Qual importância que você dá à reflexão interior?

Jorge Leão é Professor de Filosofia. Mefecista de São Luis-MA

Cada família do MFC

11 assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias
ASSINE OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27.249-3, agência 3139-9, do Banco do Brasil e remeta os dados pelo e-mail da Revista.

Assinatura anual: R\$ 32,00
(Trinta e dois Reais - 4 edições)
Preço para o ano de 2011

DISTRIBUIDORA MFC DE FATO E RAZÃO

Rua Barão de Santa Helena, 68
Juiz de Fora - MG - Cep 36010-520

UMA ASSINATURA DE
fato
e razão

Tel/Fax: (32) 3218-4239

E-mail: livraria.mfc@gmail.com

O dia mais belo: hoje
A coisa mais fácil: errar
O maior obstáculo: o medo
O maior erro: o abandono
A raiz de todos os males: o egoísmo
A distração mais bela: o trabalho
A pior derrota: o desânimo
Os melhores professores: as crianças
A primeira necessidade: comunicar-se
O que traz felicidade: ser útil aos demais
O pior defeito: o mau humor
A pessoa mais perigosa: a mentirosa
O pior sentimento: o rancor

O presente mais belo: o perdão
O mais imprescindível: o lar
A rota mais rápida: o caminho certo
A sensação mais agradável: a paz interior
A maior proteção efetiva: o sorriso
O maior remédio: o otimismo
A maior satisfação: o dever cumprido
A força mais potente do mundo: a fé
As pessoas mais necessárias: os pais
A mais bela de todas as coisas:
O AMOR!!!

Madre Tereza de Calcutá

**Mineiro não mente...
só é criativo!**

Um mineiro, lá de Curvelo, tinha 12 filhos, precisava sair da casa onde morava e alugar outra, mas não conseguia por causa do monte de crianças.

Quando ele dizia que tinha 12 filhos, ninguém queria alugar porque sabiam que a criançada iria destruir a casa e ele não podia dizer que não tinha filhos, não podia mentir, afinal, os mineiros não podem mentir.

Ele estava ficando desesperado, o prazo para se mudar estava se esgotando.

Daí teve uma ideia: mandou a mulher ir passear no cemitério com 11 dos filhos. Pegou o filho que sobrou e foi ver casas junto com o agente da imobiliária. Gostou de uma e o agente perguntou quantos filhos ele tinha.

Ele respondeu que tinha 12. Daí, o agente perguntou:

- Mas onde estão os outros?

E ele respondeu, com um ar muito triste:

- Estão no cemitério, junto com a mamãe deles.

E foi assim que ele conseguiu alugar uma casa sem mentir...

A inteligência faz a diferença. Não é necessário mentir, basta escolher as palavras certas.

"Dai-nos forças, Senhor, para aceitarmos com serenidade o que não podemos mudar. Dai-nos coragem para mudar o que pode e deve ser mudado. E dai-nos sabedoria para distinguir uma coisa da outra".

R. Niebuhr

"O senso comum não é tão comum".

Voltaire

"A sabedoria não é mais do que a ciência da felicidade."

Denis Diderot

"A verdadeira maneira de se enganar é julgar-se mais sabido que outros."

François de La Rochefoucauld

"A verdadeira sabedoria consiste em saber como aumentar o bem-estar do mundo."

Benjamin Franklin



Uma lei de responsabilidade sócio ambiental?

Leonardo Boff *

Já existe a lei de responsabilidade fiscal. Um governante não pode gastar mais do que lhe permite o montante dos impostos recolhidos. Isso melhorou significativamente a gestão pública.

O acúmulo de desastres sócio-ambientais ocorridos nos últimos tempos, com desabamentos de encostas, enchentes avassaladoras e centenas de vítimas fatais junto com a destruição de inteiras paisagens, nos obrigam a pensar na instauração de uma lei nacional de responsabilidade sócio-ambiental, com pesadas penas para os que não a respeitarem. Já se deu um passo com a consciência da responsabilidade social das empresas. Elas não podem pensar somente em si mesmas e nos lucros de seus acionistas. Devem assumir uma clara responsabilidade social. Pois não vivem num mundo a parte: são inseridas numa determinada sociedade, com um Estado que dita leis, se situam num determinado ecossistema e são pressionadas por uma consciência cidadã que cada vez mais cobra o direito à uma boa qualidade de vida.

Mas fique claro: responsabilidade social não é a mesma coisa que obrigação social prevista em lei quanto ao pagamento de impostos, encargos e salários; nem pode ser confundida com a resposta social que é a capacidade das empresas de se adequarem às mudanças no campo social, econômico e técnico. A responsabilidade social é a obrigação que as empresas assumem de buscar metas que, a meio e longo prazo, sejam boas para elas e também para o conjunto da sociedade na qual estão inseridas. Não se trata de fazer para a sociedade o que seria filantropia, mas com a sociedade, se envolvendo nos projetos elaborados em comum com os municípios, ONGs e outras entidades.

Mas sejamos realistas: num regime neoliberal como o nosso, sempre que os negócios não são tão rentáveis, diminui ou até desaparece a responsabilidade social. O maior inimigo da responsabilidade social é o capital

speculativo. Seu objetivo é maximizar os lucros das carteiras e portfólios que controlam. Não tem outra responsabilidade, se não a de garantir ganhos. Mas a responsabilidade social é insuficiente, pois ela não inclui o ambiente. São poucos os que percebem a relação do social com o ambiental.

São poucos os que observam o estufa, contaminamos as águas, destruímos a mata ciliar, não respeitamos o declive das montanhas que podem desmoronar e matar pessoas nem observamos o curso dos rios que nas enchentes podem levar tudo de roldão.

Não interiorizamos os dados que biólogos e astrofísicos nos asseguram: Todos possuímos o mesmo alfabeto genético de base, por isso somos todos primos e irmãos e irmãs e formamos assim a comunidade de vida. Cada ser possui valor intrínseco e por isso tem direitos. Nossa democracia não pode incluir apenas os seres humanos. Sem os outros membros da comunidade de vida, não somos nada. Eles valem como novos cidadãos que devem ser incorporados na nossa compreensão de democracia que então passa a ser uma democracia sócio-ambiental. A natureza e as coisas dão-nos sinais. Elas nos chamam atenção para os eventuais riscos que podemos evitar.

Não basta a responsabilidade social, ela deve ser sócio-ambiental. É urgente que o Parlamento vote uma lei de responsabilidade sócio-ambiental imposta a todos os gestores da coisa pública. Só assim evitaremos tragédias e mortes.

*Leonardo Boff é Teólogo
Transcrito do Boletim Rede

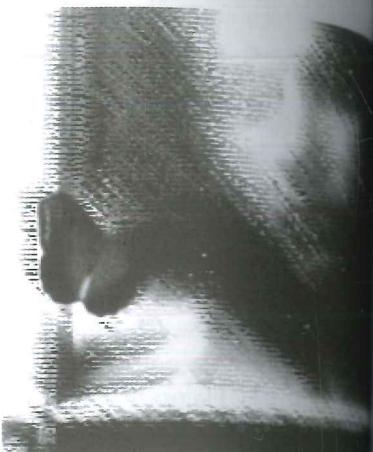
A palavra volátil significa "que voa, tem asas". Assim olhada à primeira vista encanta a imaginação e a sensibilidade. Quem já não desejou voar e ganhar espaços infinitos, dependente apenas de suas asas? No entanto, em seu sentido figurado a evocação não é tão positiva. Volátil é alguém cuja opinião ou ponto de vista muda com facilidade; inconstante, volátil, que não é firme ou permanente; inconstante, mutável.

VOLATILIDADE

Maria Clara Lucchetti Bingemer *

Apalavra parece-nos adequada para definir as relações humanas hoje em dia. São, em sua maioria, relações sem firmeza, sem compromissos em longo prazo, sem permanência e portanto, carentes ou vazias de sentido. Mudam com extrema facilidade, voláteis, portanto.

Relações voláteis geram identidades igualmente voláteis. Incertas. Mutantes. Formam-se a partir delas personalidades autorreferenciadas, de uma autonomia não livre, mas compulsiva. São, além disso, identidades temporárias, que podem ser apagadas e substituídas por outros rótulos. A memória, atrofiada pelo ritmo da vida líquida pós-moderna, ensina que esquecer é o melhor, a fim de poder reescrever na lousa apagada uma nova identidade. Hoje me autocompreendo assim, amanhã já será diferente. São igualmente identidades plurais, abertas, sem escolhas ou decisões em que empenhem a vida.



Os vínculos admitidos são aqueles que cabem nas redes, como Facebook, Orkut etc. Ali não se depende de relações afetivas que pesam e tiram mobilidade. E quando a comunicação não mais interessa, pode-se cortá-la com a ligereza de um clique. E novamente mergulhar na mais profunda solidão e vazio de sentido a que esse estado de coisas condena o sujeito pós-moderno. A única relação que não o ameaça é aquela que ele estabelece com o seu eu, convertido no mortal espelho de Narciso. Voltar-se para si mesmo é a única instância dotada de certa permanência em um mundo complexo, incerto e inevitável.

A interioridade humana, hoje, vai se convertendo em um novo paradigma emergente. Trata-se, sem dúvida, de uma dimensão constitutiva do ser humano. O que se dá, no entanto, de fato, é um estreitamento da interioridade, que se vive em grande medida pelo fluxo sempre em movimento das sensações que absorvem, não favorecendo o encontro profundo com o próprio eu e, por conseguinte, tampouco com o outro.

Por um lado, trata-se de um simismo extremamente positivo, uma vez que denota o advento da já iniciada recuperação do espiritual como dimensão de importância ineditável.

Os seres humanos de hoje experimentam, de novo, aquilo que Santo Agostinho escreveu em seu memorável livro das Confissões: "Eu não amava ainda e amava amar: buscava o que poderia amar, amando amar".

Por outro lado, esse voltar-se para dentro de si mesmo pode incluir, e efetivamente inclui, a tentação de esconder-se em si mesmo e terminar não conseguindo sair. E a consequência é o estreitamento da própria interioridade que tem como resultado o

fechamento ao outro. E uma terrível e desesperadora solidão.

Os postos instáveis de trabalho nas grandes empresas, a convivência em espaços protegidos pelo medo ao que possa chegar de fora, os espetáculos macios de diversão, os transportes que levam de um lugar a outro incontáveis pessoas que viajam juntas sem encontrar-se, propiciam conexões funcionais e passageiras, que não deixam rastro na pessoa que se desloca sem pausa pelo mundo líquido.

O vazio que isso gera já é bastante para denunciar que o ser humano é constituído pelo primado da alteridade. Apenas nos olhos do outro vejo quem sou e descubro minha identidade que já não pode dispensar a diferença do outro para autocompreender-se. A intimidade do sujeito humano só existe habitada pela presença de um Mistério.

A volta à interioridade como paradigma não pretende ser, portanto, um ensimesmamento do eu. Mas sim a condição indispensável para o reconhecimento da Presença que habita o humano. E esse reconhecimento, por sua vez, exigirá da pessoa um êxodo, uma saída de si, em direção ao outro, humano e divino, numa relação em que é imperioso entrar para re-encontrar-se e re-conciliar-se

com sua identidade perdida. A volatilidade é inimiga desse fundamental encontro marcado desde toda a eternidade.

* Maria Clara Lucchetti Bingemer é Teóloga, professora e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Adital. [Autora de "Simone Weil - A força e a fraqueza do amor" (Ed. Rocco). www.users.rdc.puc-rio.br/agape/]

QUESTÕES PARA REFLETIR:

A palavra volátil está, a seu ver, definindo as relações humanas e sociais atuais?

O que justifica sua opinião?

De que forma a volatilidade da conduta humana se reproduz sobre as pessoas em sua individualidade e em suas relações em família?

A Páscoa e a Mulher

(Mulheres, as primeiras portadoras do anúncio da Ressurreição)



DESAFIOS DO SÉCULO XXI", oferecendo uma discussão saudia, sob a ótica do Evangelho, resgatando o valor da mulher e a sua dignidade.

QUEM SOU EU?

Nesta altura da vida já não sei mais quem sou...

Vejam só que dilema!!! Na ficha da loja sou CLIENTE, no restaurante FREQUÊS, quando alugo uma casa INQUILINO, na condução PASSAGEIRO, nos correios REMETENTE, no supermercado CONSUMIDOR. Para Receita Federal CONTRIBUINTE, se vendo algo importo CONTRABANDISTA. Se revendo algo, sou MUAMBEIRO, o carnê tá com o prazo vencido INADIMPLENTE, se não paguei imposto SONEGADOR. Para votar ELEITOR, mas em comícios MASSA, em viagens TURISTA, na rua caminhando PEDESTRE, sou atropelado ACIDENTADO, no hospital PACIENTE. Nos jorna VÍTIMA, se compro um livro LEITOR, se ouço rádio OUVINTE. Para a Ibope ESPECTADOR, para apresentador de televisão TELESPECTADOR, sempre sobre carregada, com no campo de futebol TORCEDOR. Se sou palmeirense, SOFRIMENTO. Agora, já virei GALERA. (se trabalho na ANATEL, sou COLABORADOR) e, quando morrer... uns dirão... FINADO, outros... DEFUNTO, para outros... EXTINTO, para o povão... PRESUNTO... Em certos círculos espiritualistas, serei... DESENCARNADO, evangélicos dirão que fui... ARREBATADO... E o pior de tudo é que para todo governante sou apenas um IMBECIL !!! E pensar que um dia já fui mais EU.

Luiz Fernando Veríssimo

Escritor.

Vale a pena conferir e descobrir (se for o caso, para quem não conhece), como a mulher era tratada e considerada na época de Jesus: "Louvado seja Deus que não me criou mulher", costumavam rezar os homens da terra de Jesus.

Assim era o tratamento. Para o homem, tudo. Para a mulher, nada, ou quase nada. Em vários aspectos, a situação da mulher não era muito diferente da situação de um escravo. Era considerada propriedade do marido. Tinha que cuidar da casa, dos filhos. Tinha que obedecer, sempre. Se não conseguia ter filhos, era desprezada.

O marido, se arranjava outro amor, não acontecia nada. Muitas vezes, por qualquer motivo, podia dispensar a mulher. Por exemplo, uma comida mal feita.

No templo, a mulher só podia entrar até um certo ponto: havia um espaço reservado para ela. Na sinagoga (a casa de reunião e de oração), uma barreira separava as mulheres dos homens.

Podia haver até quinhentas mulheres na sinagoga, mas se pelo menos dez homens adultos não estivessem presentes, a celebração não podia começar. A mulher não podia fazer as leituras, nem dizer o que pensava e sentia, quando um dos homens presentes tivesse acabado de ler.

Já desde a infância, o menino e a menina eram tratados e educados de forma diferente. O menino freqüentava a escola, e quanto mais aprendesse, melhor. A menina, não. Nada de escola, e quanto menos se ensinasse a ela, melhor. Devia aprender somente a fazer "coisas de mulher". Em alguns casos, a menina podia ser vendida como escrava.

Uma mulher não podia ser testemunha num tribunal. Não podia pedir divórcio. Se tivesse mesmo que sair de casa, precisava usar um véu na cabeça.

Ninguém devia conversar em público com uma mulher casada, nem cumprimentá-la.

Como pudemos observar, a mulher na época de Jesus era totalmente discriminada, sob o aspecto religioso, a mulher não era igual ao homem.

Estava sujeita a todas as proibições da lei, a todo rigor da legislação civil e penal e, mesmo a pena de morte. Jesus agiu diferente, resgatando a dignidade da mulher, suas atitudes contrariaram as leis de seu tempo, desafiou a sociedade de sua época.

É neste quadro de antifeminismo que devemos situar a mensagem libertária de Jesus pois, superando essa postura unilateral, amou, andou e falou com as mulheres (Lucas 8,1-3; João 4,1-42); deixou-se tocar e ungir por elas (Lucas 7,36-50; 8,43-48); usou de misericórdia e compaixão (Lucas 4,38-39; 13,10-17; Mateus 15,21-28); fez delas seguidoras e discípulas (Marcos 8,34; 14,3-9; 15,40-41) e finalmente, deu-lhes o privilégio ímpar de serem as primeiras testemunhas da ressurreição.

Vejamos outras situações em que Jesus valoriza a pessoa feminina:

João 2, 1-10 (Bodas de Cana);
João 8, 1-11 (Mulher adultera);
Lucas 7, 36-48 (Arrependimento de Maria Madalena);
Lucas 24, 1-11 (Mulheres as portadoras do anúncio da RESSURREIÇÃO).

Jesus, o Homem identificado com a mulher, suscitou um discípulado de iguais que ainda precisa ser redescoberto e realizado pelas mulheres e homens nos dias de hoje.

REFLEXÕES:

1) Existe alguma semelhança entre a situação das mulheres do tempo de Jesus e a situação das mulheres nos dias de hoje? Explique.

2) A liberdade conquistada pelas mulheres, nos dias atuais, na sua opinião, contribui de que forma na constituição da base familiar? Justifique.

3) Apesar de suas conquistas, a mulher está sendo tratada com dignidade nos dias de hoje?

4) Como mulher, consigo "enxergar" a libertação e valorização operada por Jesus Cristo, proporcionando igualdade de valores? E a sociedade de nosso tempo valoriza esta ação de Jesus?

5) Como homem, aceito esta situação de igualdade? Contribuo para que a mulher seja valorizada e não discriminada?

6) Como o MFC pode contribuir para incrementar a igualdade entre homem e mulher? Sugerir duas situações concretas.

Tania e Tiquinho
MFC Descalvado – SP
feliciano@deltasuper.com.br
actiquinho@terra.com.br

Frases antigas para o nosso tempo

"O dom da fala foi concedido aos homens não para que eles enganassesem uns aos outros, mas sim para que expressassem seus pensamentos uns aos outros."

Santo Agostinho

Não devemos nada ao feminismo

Talyta Carvalho*

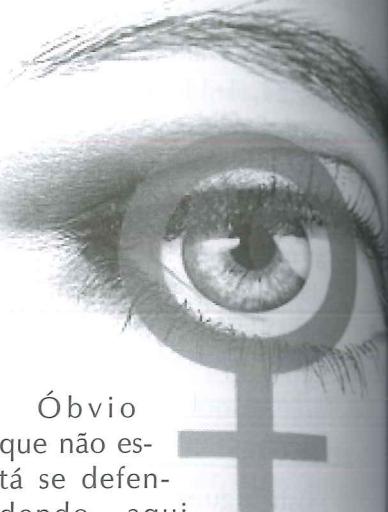
Na história da espécie humana, a ideia de que a mulher deveria trabalhar prevaleceu com frequência muito maior do que a ideia de que deve ria ficar em casa cuidando dos filhos.

Não raro, o trabalho que cabia à mulher era árduo e de grande impacto físico. Para a mulher comum na pré-história, na Idade Média, e até o século 19, não trabalhar não era uma opção.

Uma das conquistas do sistema econômico foi que, no século 20, a produtividade havia aumentado tanto que um homem de classe média era capaz de ter um salário bom o suficiente para que sua esposa não precisasse trabalhar.

No período das grandes guerras e no entreguerras, a inflação, os altos impostos e o retorno da mulher ao mercado de trabalho (que signifor ficou um aumento da mão de obra disponível) diminuíram de tal modo a renda do homem comum que já não era mais possível que maioria das mulheres ficasse em casa.

Esse movimento forçado de saída da mulher do lar para o trabalho as feministas chamaram de libertação.



Óbvio que não está se defendendo aqui

que as mulheres não possam trabalhar, não casar, não ter filhos ou que não possam agir de acordo com as suas escolhas em todos os âmbitos da vida. Não é essa a questão para as mulheres do século 21 pensarem a respeito.

O ponto da discussão é: em que medida a consequência do feminismo, para a mulher contemporânea, foi o estrangulamento da liberdade de escolha?

Explico-me. Por muito tempo, as feministas reivindicaram a posição de luta pelos direitos da mulher, exceto se esse direito for o direito de uma mulher não ser feminista.

Assumir uma posição crítica ao feminismo é hoje o equiva-

lente a ser uma mulher que fala contra mulheres. Ilude-se quem pensa que na academia há um ambiente propício à liberdade de pensamento.

Como mulher e intelectual, posso afirmar sem pestanejar: nunca precisei "lutar" contra meus colegas para ser ouvida, muito pelo contrário. A batalha mesmo é contra as colegas mulheres, intolerantes a qualquer outra mulher que pense diferente ou que não faça da "questão de gênero" uma bandeira.

Não ser feminista é heresia impenitente, e a herege deve ser silenciada. Até mesmo porque há muito em jogo: financiamentos, vaidades, disputas de poder, privilégios em relação aos colegas homens – que, se não concordam, são machistas e preconceituosos, claro.

Outro direito que a mulher do século 21 não tem, graças ao feminismo, é o direito de não trabalhar e escolher ficar em casa e cuidar dos filhos – recomendo, sobre a questão, os livros "Feminist Fantasies", de Phyllis Schlafly, e "Domestic Tranquility", de F. Carolyn Grahlia.

Na esfera econômica, é inviável para boa parte das famílias que a esposa não trabalhe. Na

esfera social, é um constrangimento garantido quando perguntam "qual é sua ocupação?". A resposta "sou só dona de casa e mãe" já revela o alto custo sócio-psicológico de uma escolha diferente daquela que as feministas fizeram por todas as mulheres que viriam depois delas.

O erro do feminismo foi reivindicar falar por todas, quando na verdade falava apenas por algumas. De fato, casamento e maternidade não são para todas as mulheres. Mas a nova geração deve debater esses dogmas modernos sem medo de fazer perguntas difíceis.

As feministas chamaram de libertação a saída forçada da lar para trabalhar; sua intolerância tomou constrangedor decidir ser dona de casa e cuidar dos filhos

O ponto da discussão é: em que medida a consequência do feminismo, para a mulher contemporânea, foi o estrangulamento da liberdade de escolha?

De minha parte, afirmo: não devo nada ao feminismo.

* Talyta Carvalho, 25, é filósofa especialista em renascença e mestre em ciências da religião pela PUC-SP. Transcrito da Folha de São Paulo

Entre o espiritual e o material

Marcelo Gleiser*

Existimos nessa fronteira não muito bem delineada, entre o material e o espiritual. Somos criaturas feitas de matéria, mas temos algo mais. Somos átomos animados capazes de autorreflexão, de perguntar quem somos.

Devo dizer, de saída, que espiritual não implica algo sobrenatural e intangível. Uso a palavra para representar algo natural, mesmo intangível, pelo menos por enquanto.

Pois, se olharmos para o cérebro como o único local da mente, sabemos que é lá, na dança eletro-hormonal dos incontáveis neurônios, que é gerado o senso do "eu".

Infelizmente, vivemos meio perdidos na polarização artificial entre a matéria e o espírito e, com frequência, acabamos optando por um dos dois extremos, criando grandes crises sociais que podem terminar em atrocidades.

Vivemos numa época onde o materialismo acentuado – do querer antes de tudo, do eu an-



tes do outro, do agora antes do legado, está por causar consequências sérias.

Lembro-me das sábias linhas do filósofo Robert Pirsig, no clássico "Zen e a Arte da Manutenção de Motocicletas": "Nossa racionalidade não está movendo a sociedade para um mundo melhor. Ao contrário, ela a está distanciando disso".

Ele continua: "Na Renascença, quando a necessidade de comida, de roupas e abrigo eram dominantes, as coisas funcionavam bem. Mas agora, que massas de pessoas não tem mais essas necessidades, essas estruturas antigas de funcionamento não são adequadas. Nossa moda de comportamento passa a ser visto como de fato e, emocionalmente

esteticamente sem sentido e espiritualmente vazio".

O ponto é claro: atingimos uma espécie de saturação material. Para chegar a isso, sacrificamos o componente espiritual. O material é reptiliano: "Eu quero, eu pego. Se não consigo, eu mato metaforicamente ou de fato). O que quero é mais importante do que o que você quer"

Claro, progredimos muito, dando conforto a milhões de pessoas, mas, no frenesi do sucesso, deixamos de lado o que nos torna humanos. Não só nossas necessidades, mas nossa generosidade, nossa capacidade de dividir e construir juntos.

Quando nossa sobrevivência está garantida, recaímos em nosso modo reptiliano de agir – auto-centrado – e esquecemos da comunidade.

A diferença entre nossa realidade e a de Pirsig, que escreveu essas linhas acima em 1974, é que um novo tipo de conscientização está surgindo, em que o senso de comunidade está migrando do local ao global. Isso me deixa otimista

Em todo o planeta, um número cada vez maior de pessoas entendeu já que os excessos materialistas

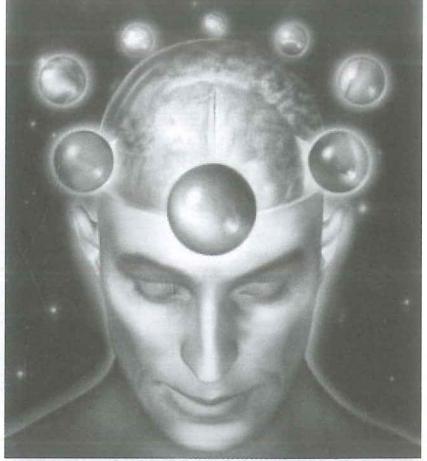
da nossa geração precisam terminar. Não é apenas porque o materialismo desenfreado é superficial. É porque é letal, tanto para nós quanto para a vida à nossa volta.

Olhamos para nosso planeta de modo que não olhávamos 20 anos atrás. O sucesso do filme "Avatar" não teria sido o mesmo em 1990.

O momento está chegando para um novo tipo de espiritualidade, que nos levará a uma existência mais equilibrada, onde o material e o espiritual mantêm um balanço dinâmico. O material sem o espiritual é cego, e o espiritual sem o material é fantasia. Nossa humanidade reside na interseção dos dois.

Marcelo Gleiser é professor de física teórica no Dartmouth College, em Hanover (EUA), e autor do livro "Criação Imperfeita"

Transcrito do Caderno Ciência da Folha de São Paulo





José e Maria, pais de família

*Helio e Selma Amorim**

O anúncio a Maria, jovem e virgem, de que conceberia o filho de Deus, por vontade e intervenção do Pai, feito antes de ela se casar com José, quer significar a natureza divina do filho, para que todos viessem a compreender esse fato extraordinário de um Deus assumir a condição humana, nascendo de uma mulher do povo. Não se trata de uma exaltação à virgindade, entendida imperfeitamente ao longo dos séculos como um valor orientado à santidade e perfeição da natureza humana.

A família de Jesus, de acordo com a cultura do seu tempo, seria certamente mal vista se Maria não concebesse uma prole, como as demais mulheres casadas.

Uma Igreja influenciada pela cultura em que se expandiu e desenvolveu ao longo dos tempos, tornou-se cada vez mais masculina e tardivamente impôs o celibato aos seus ministros ordenados, esquecida de que o primeiro papa, escolhido por Jesus, era casado. A mulher foi excluída do espaço eclesial pensante e doutrinador. A sua virgindade val-

endo valorizada por uma visão machista da sociedade que a considerava à vida monacal como opção maior para a santidade.

Assim, não poderia a Igreja aceitar a idéia de que Maria não permanecesse virgem por toda a vida. Mas os escritos bíblicos afirmavam o contrário. Interpretações caprichosas surgem e se tenta interpretar "irmãos" como "primos", o que absolutamente não se suspeita. Primo é primo, irmão é irmão. Lucas relata o nascimento de Jesus como o primogênito de Maria: primogênito, ou seja, primeiro filho, não unigênito, filho único. (Lc 2, 6-7).

Pensamos que é tempo de descomplicar-se a fé cristã, revenindo-se velhas doutrinas de frágil fundamento e descartando-se alguns adornos desnecessários que se foram acrescentando ao longo da história, por influências culturais nos espaços e tempos em que se desenvolveu.

Será estimulante saber que Maria foi mãe como todas as mães, e que a sua família, a Sagrada Família, foi como a nossa, casal e filhos – naturalmente muito mais virtuosa pois nossas limitações e debilidades são demasiado robustas. Só assim pode ser exemplo para todas as famílias cristãs.

O QUE DIZEM OS EVANGELHOS

Trechos citados:

"Enquanto estavam em Belém, se completaram os dias para o parto, e Maria deu à luz o seu filho primogênito. Ela o enfaixou e o colocou na manjedoura, porque não havia lugar para eles dentro da casa". (Lc 2, 6-7)

"Nisso chegaram a mãe e os irmãos de Jesus; ficaram do lado de fora e mandaram chamá-lo. Havia uma multidão sentada ao redor de Jesus. Então lhe disseram: "Olha, tua mãe e teus irmãos estão aí fora e te procuram". (Mc 3,31-35).

"Muitos que o escutavam ficavam admirados e diziam: "De onde vem tudo isso? Onde foi que arranjou tanta sabedoria? E esses milagres que são realizados pelas mãos dele? Esse homem não é o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, de Joset, de Judas e de Simão? E suas irmãs não moram aqui conosco?". (Mc 6, 2-3).

"A mãe e os irmãos de Jesus se aproximaram mas não podiam chegar perto dele por causa da multidão. Então anunciaram a Jesus: "Tua mãe e teus irmãos estão aí fora e querem te ver". (Lc 8, 19-21).

Ainda há tempo...



“Você já abraçou seu filho hoje?” Li esta frase no pára-choque de um caminhão. Fiquei pensando: Nesta vida cada vez mais virtual, onde você está conectado com o mundo, fala-se com o Japão, com a Austrália... E não se consegue, às vezes, dialogar com quem está ao seu lado. Corremos o risco de nos robotizar e de nos tornarmos escravos do tempo. Tempo este, que Deus nos concedeu. O nosso corre-corre é tão intenso, que às vezes, nem dá pra perceber que estamos numa roda-viva.

Há pais que saem para o trabalho e os seus filhos estão dormindo, quando voltam eles já estão adormecidos de novo. Nem os vê

crescer. Não se dão o privilégio de conviver com as várias etapas da vida dos seus pequeninos. Não estão presentes nos momentos tão especiais como a formatura do jardim, a primeira comunhão, a crisma, a conclusão do ensino fundamental.

“Não deu para ir ver meu filho jogar na final do campeonato de futebol da escola.”

“Não tive tempo para ver minha filha, minha princesinha, no dia que ela desfilou no colégio.”

Às vezes eles procuram cobrir essas falhas com agrados e presentes. Mas quase nunca estão presentes. Até o domingo que era um dia

especial, para ir com toda a família à igreja, almoçar, isso não é mais possível. O comércio funciona no dia consagrado ao Senhor e se encarrega de separar a família.

O pai trabalha no shopping, não tem folga no domingo. O tempo é cada vez mais escasso e cronometrado. A gente ouve exclamações como estas:

“O dia está pequeno pra mim.”

“Não tenho tempo nem de respirar.” “Já estou comprometido para o ano que vem.”

O imediatismo p’ra tudo não nos permite viver e saborear as coisas e acontecimentos. Tudo é pra ontem. Às vezes, eu me deparo andando apressado mesmo sem estar com pressa. Aonde queremos chegar? Por que tanta correria? A Sagrada Escritura nos exorta no livro de Eclesiástico: “Há

tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de colher.”

De que adianta correr tanto, mas não chegar a lugar nenhum. Muitas vezes procuramos fora, algo que está dentro de nós mesmos. Corremos o risco de andar muito e caminhar pouco na vida. Sejamos organizados, mas não escravos. Responsáveis, não obcecados. Confiantes, mas não fanáticos.

Sérios, sem ser carrancudos. Vivemos cada etapa ao seu tempo. Estejamos sempre prontos e solícitos, pois não sabemos o tempo que Deus nos concederá. Se corremos muito não teremos tempo de viver e, segundo Guimarães Rosa, “viver é muito perigoso”. Creio que o perigo está justamente em passar pela vida e não viver. Tudo tem o seu tempo. Tudo tem o seu “porque”. “Nada é por acaso”. A natureza tem o seu ritmo, suas estações, suas etapas... Somos parte dela. Então vivamos cada momento a seu tempo... E todo tempo é de Deus; pois o tempo é de Deus. Ele é eterno e nós temos vocação para a eternidade.

Geraldo Magela da Silva
Extraído do Boletim “Sustentação” do MFC de Itaúna-MG

É TEMPO DE MUDAR



PERGUNTARAM PARA DEUS: O QUE MAIS TE INTRIGA
NOS SERES HUMANOS?

DEUS RESPONDEU:

ELES FARTAM-SE DE SER CRIANÇAS

E TÊEM PRESSA POR CRESCER,

E DEPOIS SUSPIRAM POR VOLTAR A SER CRIANÇAS...

PRIMEIRO, PERDEM A SAÚDE PARA TER DINHEIRO

E, LOGO EM SEGUIDA,

PERDEM O DINHEIRO PARA TER SAÚDE...

PENSAM TÃO ANSIOSAMENTE NO FUTURO QUE DESCUIDAM DO
PRESENTE E, ASSIM,

NEM VIVEM O PRESENTE NEM O FUTURO...

VIVEM COMO SE FOSSEM MORRER E MORREM COMO SE NÃO
TIVESSEM VIVIDO.

REFLITA SOBRE ISSO...

POIS VOCÊ AINDA TEM TEMPO PARA ACERTAR SUA VIDA, TODOS
OS DIAS, QUANDO VOCÊ ACORDA, RECEBE O MAIS BELO DE
TODOS OS PRESENTES... A VIDA

DEUS LHE DEU E VOCÊ A ADMINISTRA, FAÇA COM QUE REAL-
MENTE VALHA A PENA



MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Atendimento aos assinantes,
assinaturas novas, renovações e números anteriores

Distribuidora Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery
CEP: 36010-520 - Juiz de Fora - MG

Telefax: (32)3218-4239
fatoerazao@yahoo.com.br
fatoerazao@gmail.com

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC,
pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery
CEP: 36010-520 - Juiz de Fora - MG

Telefax: (32)3218-4239
livraria.mfc@yahoo.com.br
livrariamfc@gmail.com

Publicações disponíveis na Livraria MFC

Temários de Reuniões

Preto no branco
Um passo adiante

Fato e Razão

Números anteriores

Livros

Amor e Casamento
Descomplicando a Fé
Eis o MFC
Cuidado Frágil

Colaborações e cartas de leitores

Equipe de Redação de Fato e Razão

Rua. Saul de Gusmão 80 - VIII - CEP 22641-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: helioamorim@globo.com